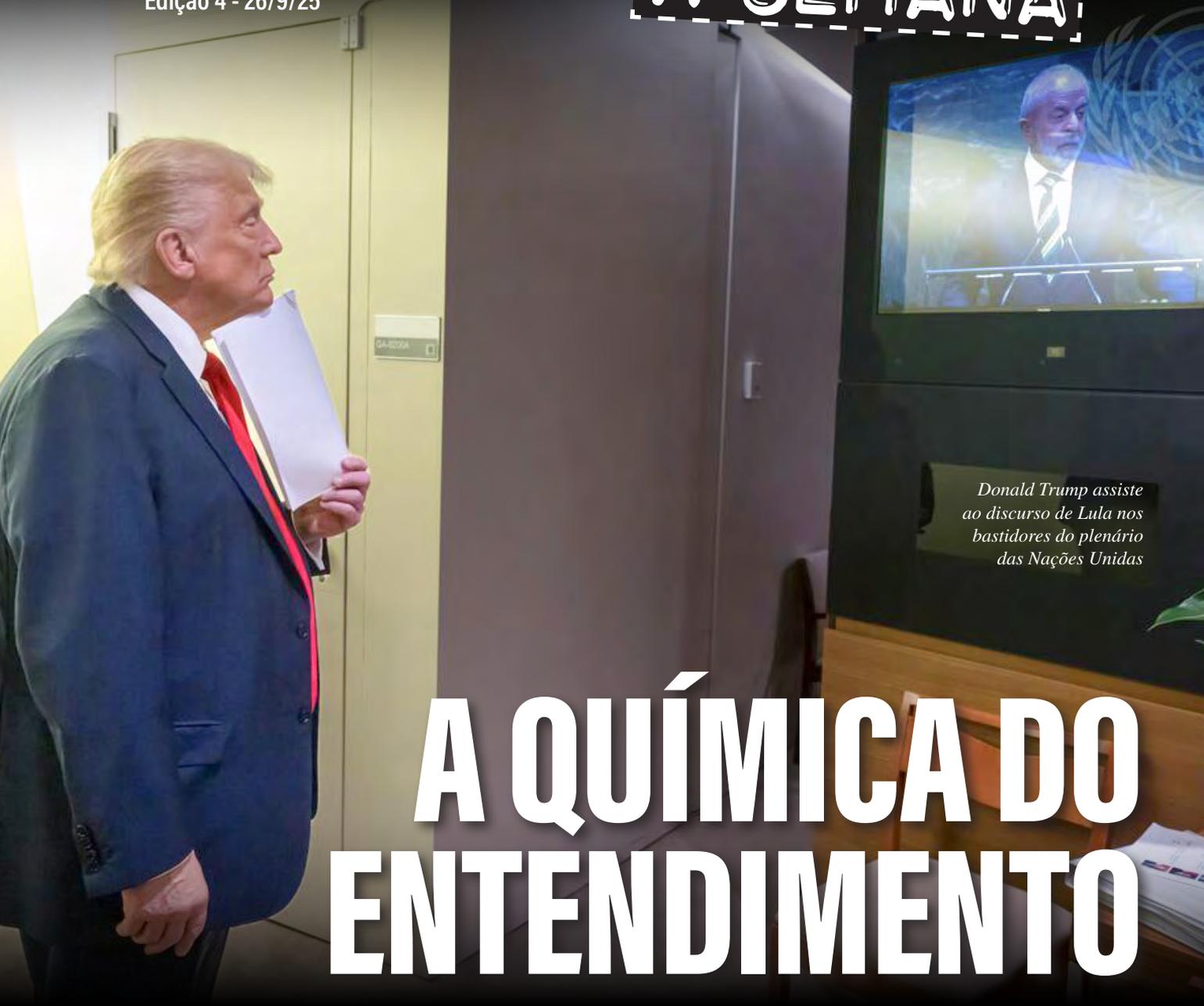


ISTO É

A SEMANA

Edição 4 - 26/9/25



Donald Trump assiste ao discurso de Lula nos bastidores do plenário das Nações Unidas

A QUÍMICA DO ENTENDIMENTO

O surpreendente aceno de Donald Trump para Lula na Assembleia Geral das Nações Unidas abre caminho para solucionar a pior crise que já existiu entre os dois países em mais de dois séculos de relações bilaterais

ISTOÉ
sustentável

COP 30

UMA VITRINE INTERNACIONAL

Acompanhe a cobertura
do evento histórico em
sustentavel.istoe.com.br



Carta ao leitor

Olhos fixos na ONU

A Assembleia Geral das Nações Unidas iniciada na segunda-feira, 23, na sede da ONU em Nova York, prometia ser diferente — no mínimo pela efeméride de marcar os 80 anos de fundação da instituição. O que se viu nas transmissões do evento, no entanto, foi surpreendente. A começar pelo discurso de abertura do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Em um pronunciamento duro, ele bateu forte nos recentes posicionamentos de Washington.

Em seguida, o norte-americano Donald Trump assumiu o púlpito. Entre palavras que passaram por críticas à ONU, pelo negacionismo ambiental e elegia a seu próprio ego — afinal, defendeu sua candidatura ao Nobel da Paz



KYLIE COOPER

Entre as reclamações de Trump sobre a ONU, sobrou até para a escada rolante

—, ele soltou um comentário insólito. Trump declarou que havia encontrado Lula nos bastidores, o cumprimentado, abraçado e, vejam só, simpatizado com o petista. Citou a “química” entre os dois e abriu as portas para uma conversa apropriada em breve.

Se o movimento de Trump arrefeceu o clima azedo e tenso que existe há

mais de um mês entre Brasil e Estados Unidos, a conferência em Nova York abordou outros assuntos relevantes. Em meio a questionamentos sobre sua relevância em um planeta cada vez mais polarizado, a veneranda instituição fincada à beira do East River mostra que ainda tem poder de atrair a atenção para seus debates.

Índice

FOTO DA CAPA: MARK GARTEN/UN PHOTO

- 4 ENTREVISTA
- 7 BRASIL
- 14 INTERNACIONAL
- 18 TECNOLOGIA
- 20 SAÚDE
- 25 CÊNCIA
- 27 GENTE
- 29 ESPORTE
- 31 ESTILO DE VIDA
- 34 ENTRETENIMENTO
- 38 OBITUÁRIO
- 39 O MELHOR DAS REDES
- 40 PALAVRA POR PALAVRA



AGÊNCIA BRASIL/PAULO PRINTO

Manifestação na av. Paulista, em São Paulo



MARVIN/DIVULGAÇÃO

Iza lança singles e fala da inspiração no reggae



REPRODUÇÃO

Cardinale em cena do filme “Era Uma Vez no Oeste”

Expediente

ISTOÉ publicações

ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.
CEO E DIRETOR EDITORIAL:
Daniel Hessel Teich

ISTOÉ A SEMANA

EDITORA-EXECUTIVA: Lena Castellón
DIRETOR DE ARTE: Alexandre Akermann
DESIGNER: Mayara Novais
DIRETOR DE MERCADO LEITOR
E LOGÍSTICA: Edgardo A. Zabala

www.istoe.com.br

Instagram: @revistaistoe

YouTube: m.youtube.com/@revistaISTOE

X: @revistaISTOE

TikTok: @revistaistoe

LinkedIn: https://www.linkedin.com/company/istoe/

Redação e correspondência:

Rua Iguatemi, 192, 19º andar, Itaim Bibi,
São Paulo, SP, CEP 01451-010

ISTOÉ – A SEMANA é uma publicação semanal de ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA., empresa detentora das marcas ISTOÉ e coligadas, tanto em plataformas digitais como meios impressos. A empresa não tem qualquer vinculação editorial e societária com a EDITORA TRÊS COMÉRCIO DE PUBLICAÇÕES LTDA. (em liquidação judicial)



Guilherme Martins:
“Nossa missão
é promover
a transformação
do Brasil”

LEONARDO MONTEIRO

Uma história que remonta à década de 1980, quando surgiu o embrião, ainda como Ibmecc São Paulo, o Insper é hoje um dos maiores símbolos de excelência acadêmica do país. A instituição já teve como alunos e conselheiros nomes como Armínio Fraga, e na sua fundação, figuras como Paulo Guedes e a família Moreira Salles. Como o Insper nasceu e qual foi essa trajetória para se tornar o que é hoje, uma instituição sem fins lucrativos?

O Insper nasceu do grupo Ibmecc. Cláudio Haddad e Paulo Guedes começaram o sonho de uma instituição com padrão internacional de qualidade para formar lideranças no Brasil. Particularmente, o Cláudio tinha o sonho de que essa instituição pudesse ser inclusiva, com um programa de bolsas, e também gerasse conhecimento. Naturalmente, bolsas e pesquisa são atividades que afetam negativamente uma instituição com fins lucrativos. Dali, começa a nascer o sonho de ser uma instituição sem fins lucrativos, que era a visão do Cláudio. Com a ajuda de outras famílias, como as que você citou – Pedro Moreira Salles, Jorge Paulo Lemann, Beto Sicupira, Marcel Telles –, ele consegue comprar a operação do Ibmecc São Paulo e doá-la à sociedade. Desde 2004 somos uma instituição sem fins lucrativos, uma associação cujo único objetivo é servir à sociedade. A virada de marca para Insper foi feita em 2009. Nossa missão é clara: promover a transformação do Brasil, gerando lideranças inovadoras e conhecimento aplicado para contribuir com o desenvolvimento da nação.

Essas famílias, como Lemann e Sicupira, foram doadoras na fundação. Elas ainda participam e ajudam a instituição? Fazem parte de algum conselho?

Na verdade, eles foram e são. Todas essas famílias que citei continuam sendo doadoras. Foram os doadores originais e continuam a nos ajudar em programas de bolsas, no fomento à pesquisa, em centros de conhecimento e em novos projetos. O mais recente foi o programa de Ciência da Computação,

Educação e integração com a sociedade

Guilherme Martins, presidente do Insper, critica ensino híbrido, ressalta desempenho de bolsistas e planeja abrir o campus à população de São Paulo

Instituição de ensino superior com forte peso na formação de lideranças, o Insper aponta, nas palavras do presidente Guilherme Martins: aulas híbridas representam “o pior dos dois mundos”. Para ele, o modelo não é bom para o aluno presencial nem para o online – o acesso remoto hoje é uma fle-

xibilidade na pós-graduação. Martins destaca o alto desempenho dos bolsistas e revela que, até 2030, o campus do Insper, em São Paulo, deve ser aberto à cidade, recuando catracas, ocupando a rua e aproximando comunidade acadêmica e a população paulistana.

Eduardo Vargas

um grande investimento que contou com o financiamento deles e de outros doadores. Eles são nossos associados e temos a Assembleia de Associados, com uma reunião anual onde apresentamos os resultados e discutimos estratégias. Há também o Conselho Deliberativo, e levamos questões e definições de investimentos diferentes para ambos os conselhos.

Nessas reuniões anuais, o que é debatido? O que essas figuras proeminentes, como Jorge Paulo Lemann, instigam vocês a fazer no Insper?

Eles instigam a excelência e o foco no impacto. É muito comum uma instituição de ensino se fechar em sua excelência orientada para os recursos: a melhor infraestrutura, o melhor currículo, os melhores professores. Mas para quê? Para gerar impacto. A conversa é muito sobre como mostrar o que de fato estamos fazendo ao investir nesses recursos. Discutimos a atuação do Insper nos programas, o perfil do aluno, onde trabalham, a trajetória dos ex-alunos, que tipo de conhecimento estamos gerando e como isso influencia o debate público e as empresas. É um diálogo sobre o que o Insper de fato está agregando à sociedade. Também, como apoiadores do fundo de bolsa, discutimos como estamos incluindo cada vez mais bolsistas e cuidando para que tenham uma carreira bem-sucedida.

Você está há dois anos como presidente. Nessas reuniões, houve algum tema ou discussão que impactou muito a sua gestão?

A principal conversa que tive com os dois conselhos foi sobre escala e escopo: que instituição de ensino queremos ser? Passamos os últimos dez anos em forte crescimento, expandindo de uma escola de negócios para incluir Engenharia, Direito e Ciência da Computação. Esse crescimento acelerado, embora tenha trazido relevância, gerou uma pressão imensa na infraestrutura, na governança e nos processos. Senti que precisávamos de um fórum para

discutir de forma adulta que tamanho queríamos ter e em que áreas atuar. A conclusão foi que era importante amadurecer os segmentos em que ingressamos recentemente. Precisávamos amadurecer o corpo docente, ter mais alunos, expandir para a pós-graduação e gerar conhecimento relevante. Quando entramos em uma área, queremos ser uma referência no Brasil. A discussão foi excelente para termos um planeja-

“Temos 400 bolsistas na graduação, o que representa 10% do total de alunos. A ambição é dobrar esse número. Eles têm um desempenho acadêmico médio superior aos não bolsistas, o que mostra que há espaço para termos mais talentos conosco”

mento mais firme para a próxima década, entendendo que só faria sentido discutir novos voos quando tivéssemos segurança de que essas áreas estavam bem trilhadas.

A pandemia obrigou a educação a se adaptar ao online. O Insper era 100% presencial e teve que virar essa chave. Como foi a experiência com o modelo híbrido, que você mencionou não ter sido muito proveitosa?

O híbrido é o pior dos mundos. Descobrimos que ou você prepara uma aula para ser presencial, ou prepara para ser remota. Quando o professor tem metade da sala à sua frente e a outra metade online, interagindo por chat, a experiência não fica boa para nenhum dos dois grupos. A aula presencial não é tão boa quanto seria se fosse desenhada apenas para isso, e a remota não funciona tão bem quanto deveria. Você fica em um limbo. Para eventos funciona, mas para uma aula em que alguém precisa, de fato, aprender, em nossa experiência, não foi o ideal. Hoje, usamos o acesso remoto como uma flexibilidade na pós-graduação, para um aluno

que viajou, por exemplo, mas não é o nosso modelo de ensino.

O Insper, como uma instituição que forma líderes e tem figuras muito presentes no debate público possui uma agenda ou uma opinião institucional sobre os rumos do Brasil? Como isso é visto internamente?

A instituição não tem uma opinião.

O direcionamento que temos é que todo debate deve ser feito com base na melhor evidência possível. O que ensinamos aos alunos, a base do pensamento crítico, é que sua opinião precisa ser estruturada em cima de fatos e dados. Nossos professores têm opiniões e são muito livres para isso. Temos vários professores colonistas com opiniões contrárias sobre o mesmo fenômeno, e isso é muito rico. A capacidade de uma universidade precisa ser essa. A morte de uma instituição de ensino é ela ser doutrinadora ou ter um lado. A universidade foi criada para ser universal, para expor o aluno a diferentes pontos de vista e construir sua capacidade de discernir.

Como vocês se diferenciam no modelo de ensino para fomentar esse debate e o pensamento crítico, fugindo do padrão brasileiro mais expositivo?

Nosso modelo de ensino é centrado no aluno. Raramente você terá uma aula em que o professor apenas fala por uma hora e meia. As aulas são baseadas em debates e projetos, e a participação do aluno é muito relevante. Nossas salas de aula refletem isso. Temos um formato de anfiteatro, que chamamos de “salas Harvard”, cujo layout e acústica são projetados para que todos ouçam e sejam ouvidos sem microfone. O outro formato são salas planas com carteiras móveis, ideais para projetos, onde até as janelas são lousas. A lógica é de debate e resolução de problemas, não de exposição.

Recebendo alunos do ensino médio brasileiro, o que vocês percebem?

Quais os principais choques culturais ou vícios que precisam ser adaptados ao modelo do Insper?

Mesmo recebendo alunos de excelente desempenho, há duas coisas que precisamos aculturar. A primeira é que não se deve estudar só para a prova. Nossos cursos são pesados e exigem um esforço contínuo. Muitos alunos vêm com o vício de assistir à aula e só parar para estudar na véspera da avaliação. Isso é um “jeitinho” que lá não funciona. O estudo precisa ter cadência. O segundo ponto, mais direto, é a questão ética: não pode colar. Não tem jeitinho. Se um aluno cola, recebe um “cartão amarelo”. Se colar de novo, é convidado a se retirar da escola, sem discussão.

Com ferramentas como o ChatGPT, como fica a questão da cola?

Se um professor dá uma prova em que a questão é tão fácil a ponto de o ChatGPT responder, precisamos repensar a avaliação. O que estamos fazendo é criar avaliações e experiências de aprendizado que vão muito além do que uma inteligência artificial pode responder. A ferramenta está aí e deve ser usada. Em muitas disciplinas, o uso é incentivado. A proposta é que o aluno desenvolva raciocínios. Se a ferramenta pode ser usada na profissão, usá-la para uma resposta não é necessariamente um problema. Depende do objetivo. Vou fazer uma analogia com matemática e calculadora. Minha filha de nove anos faz conta na mão na escola. Eu sei que, no futuro, ela vai poder usar uma calculadora, mas agora ela precisa aprender um fundamento à mão para depois desenvolver raciocínio lógico e poder usar a ferramenta. Então, em algumas disciplinas, eventualmente o professor não vai deixar usar para que o raciocínio seja desenvolvido. Mas a ferramenta está aí. Tem de ser usada.

Vocês mencionaram a importância da inclusão. Como funciona o programa de bolsas do Insper hoje?

Atualmente, temos 400 bolsistas na graduação, o que representa 10% do total de alunos, e nossa ambição é dobrar esse número. Um bolsista integral, além de não arcar com a mensalidade, recebe moradia se for de fora de São

Paulo, um auxílio de um salário mínimo e meio para manutenção, auxílio para cursos de inglês, um computador e acesso a uma rede de mentoria de carreira com ex-alunos. O único critério para a bolsa é a renda familiar. O processo seletivo é o mesmo para todos; não é uma cota. O aluno bolsista foi aprovado como qualquer outro e comprovou que a família não tem renda para arcar com os custos. Hoje, os bolsistas têm um desempenho acadêmico médio superior ao dos não bolsistas, o que mostra que há um grande espaço para termos mais talentos conosco.

Como dobrar o número de bolsistas? E que figuras trazem como mentores ou palestrantes?

Para isso, precisaremos mexer na sustentabilidade financeira da instituição, diversificando nossas fontes de receita para além da mensalidade da graduação, para então aumentar o fundo de bolsas. Também precisamos que mais talentos de baixa renda cheguem ao nosso processo seletivo. Sobre os palestrantes, nos últimos anos temos trazido cada vez mais ex-alunos. Agora, eles estão com 40 e poucos anos, em posições de destaque, e passaram pela mesma experiência que os alunos atuais. O melhor palestrante que podemos ter é o próprio ex-aluno, como o Thiago Maffra, CEO da XP, que foi nosso ex-bolsista. Eles se tornam role models para os nossos alunos.

Vocês planejam uma expansão do campus na Vila Olímpia (em São Paulo) para integrá-lo mais ao espaço público, um projeto inspirado no Tec de Monterrey (universidade privada mexicana, considerada uma das mais prestigiadas da América Latina)?

Sim. Hoje temos três prédios “trancados para dentro” e estamos planejando um quarto prédio, com previsão para 2030, que irá abraçar os outros e também a rua. Queremos que a sociedade como um todo possa estar lá dentro, não apenas a nossa comunidade. O projeto busca recuar as catracas e criar espaços no térreo abertos para a cidade, com lojas e alimentação. Acreditamos que, para garantir a segurança, não devemos trancar os alunos, mas



REPRODUÇÃO

sim ocupar a rua. Uma rua é segura quando tem gente andando nela. No curto prazo, vamos começar com a rua Uberabinha, que ficará entre dois prédios nossos. Por meio de um edital da prefeitura, faremos a curadoria da rua, elevando-a para reduzir a velocidade dos carros e criando uma espécie de boulevard para eventos abertos à comunidade.

Como tem sido o diálogo para realizar esse projeto, envolvendo prefeitura e moradores?

O projeto da rua cumpriu todo o rito, com edital, chamada e audiência pública. Mas queremos ir além. Aprendemos com a experiência de Monterrey que é fundamental conversar com todos os moradores, comércios e empresas do entorno. Não podemos impor uma ideia ao bairro. Como universidade, precisamos criar um fórum para perguntar: “Vou criar essa estrutura. Como o bairro quer usá-la?”. A lógica do design é entender o usuário. Antes de reformar nossa biblioteca, por exemplo, perguntamos aos alunos como eles a usavam. O projeto precisa nascer dessa escuta. ■



Na avenida Paulista, uma bandeira do Brasil cobriu os manifestantes que protestaram contra a PEC e o PL; atos se espalharam pelo país

Das ruas ao Congresso

Em resposta às manifestações que tomaram o Brasil, Senado impõe derrota fragorosa sobre a Câmara ao arquivar a PEC da Blindagem; com a reação popular, o PL da Anistia mudou de nome, mas se encontra em um limbo

Em uma nítida demonstração de força da opinião pública sobre o poder político, o Brasil assistiu a uma semana de alta voltagem no país, que começou com uma ofensiva na Câmara dos Deputados e terminou com um recuo retumbante no Senado. O estopim foi deflagrado na semana passada com a votação de duas pautas altamente controversas, que passaram por cima de outros temas urgentes, como o projeto que isenta o Imposto de Renda para quem ganha até R\$ 5 mil por mês. Entraram na frente a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) das Prerrogativas, que foi aprovada pela

Câmara, e o chamado PL da Anistia, que visava anistiar os condenados pelos ataques golpistas de 8 de janeiro de 2023 e que teve validade pela maioria dos deputados o caráter de urgência para votação, o que se aventava para a semana seguinte.

Os dois movimentos foram mal recebidos pela população, ainda impactada pelo histórico julgamento do ex-presidente Jair Bolsonaro, condenado a 27 anos e 4 meses de prisão pela trama golpista que tentou mantê-lo no poder. Tanto o PL quanto a PEC – que teve seu nome alterado em uma escala progressiva de indignação, saindo de

“Blindagem” para “Impunidade” e, por fim, “Bandidagem” – foram motivos do surgimento de manifestações que ganharam impulso com a imediata adesão de artistas e personalidades.

Articulou-se, assim, uma resposta das ruas às decisões da Câmara dos Deputados, pautadas em rápida sucessão pelo presidente Hugo Motta (Republicanos-PB). Na terça-feira, 16, a PEC das Prerrogativas foi aprovada com 353 votos. O texto, que condicionava a abertura de processos criminais contra parlamentares a uma autorização prévia da respectiva Casa, em voto secreto, recebeu apoio maciço do PL e do Cen-

trão, e também 33 votos de partidos da base governista, como PT, PDT e PSB, cujas bancadas foram liberadas. No dia seguinte, a Câmara aprovou o regime de urgência para o PL da Anistia.

A manifestação contra os atos do legislativo foi convocada para o domingo, 21. Artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque, Paulinho da Viola e Djavan atraíram uma multidão no Rio de Janeiro. Daniela Mercury e Wagner Moura capitanearam o movimento em Salvador.

Em São Paulo, os atos de protestos reuniram 42,4 mil pessoas, segundo o Monitor do Debate Político da USP. Em Copacabana, foram 41,8 mil, números que rivalizaram com as mobilizações da direita no 7 de setembro. Na avenida Paulista, uma grande bandeira do Brasil cobriu os manifestantes, gerando uma imagem icônica.

O efeito da estrondosa adesão popular foi sentido em Brasília. Deputados que tinham apoiado a PEC, como Silvyne Alves (União Brasil-GO), foram às redes sociais se desculpar pelo voto, alegando terem sofrido pressões – depois da declaração, ela deixou o partido. O enquadramento nas redes sociais também demonstrou o repúdio da população: um levantamento da Quaest apontou mais de 80% de menções negativas à PEC. A tal pressão mudou de direção e se voltou para o Senado, que daria a palavra final sobre a proposta. A resposta da Casa Alta foi célere e demolidora.

O relator da PEC no Senado, Alessandro Vieira (MDB-SE), afirmou que o texto deixava as “portas abertas para a transformação do Legislativo em abrigo seguro para criminosos”. Na



AGÊNCIA SENADO/GERALDO MAGELA

O relator da PEC no Senado, Alessandro Vieira, criticou o texto; a casa foi célere na resposta

quarta-feira, 24, a Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), presidida por Otto Alencar (PSD-BA), rejeitou a PEC por unanimidade: 27 votos a zero. A consonância na comissão permitiu ao presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), arquivar a matéria em caráter definitivo, sem sequer submetê-la ao plenário, em uma derrota fragorosa para os articuladores da proposta.

“A proposta teve o destino que merece. Foi uma vergonha nacional”, disse o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em Nova York, onde participava da 80ª Assembleia Geral da ONU. Até nomes do PL na CCJ, como Rogério Marinho (PL/RN), votaram contra, diagnosticando “excesso na dosagem”.

A derrota da PEC no Senado alterou o tabuleiro do PL da Anistia. Para reduzir danos, a presidência da Casa alinhou com o relator, Paulinho da Força (Solidariedade-SP), a metamorfose do texto em PL da Dosimetria, com foco em revisão de penas dos condenados

pela trama golpista. A nova configuração, no entanto, caiu em um limbo: desagradou ao bolsonarismo, que exige anistia ampla para Bolsonaro, e à base governista, que temia contaminar a semana legislativa e travar prioridades. “Se a gente tumultuar colocando um tema como este, a chance de não votar o Imposto de Renda é grande”, disse Lindbergh Farias (PT-RJ) e líder da bancada, após reunião com Paulinho. O relator rebateu: “Se não votar isso, não vota nem o IR”. Mas a rejeição ruidosa a privilégios, que veio das ruas, ecoou mais forte. E tudo isso em uma semana em que Lula ganhou destaque na abertura da Assembleia da ONU por seu discurso forte, em que defendeu o processo de julgamento de Bolsonaro e a soberania do país, e pela inesperada “simpatia” do presidente Donald Trump, que disse gostar do líder brasileiro. O resultado foi um congelamento de fato: a dosimetria ficou à espera de clima — e votos — que não vieram.

Os episódios revelaram uma fissura na relação entre as duas Casas. Para Marco Antônio Teixeira, cientista político e professor da FGV-SP, o Senado se tornou “uma espécie de casa de correção” diante da radicalização da Câmara. De todo modo, ficou evidente que as manobras da semana passada custaram caro à Câmara. “Os deputados cometeram um erro político muito claro”, avaliou Karolina Roeder, professora de ciência política da Uninter e pesquisadora do Instituto Representação e Legitimidade Democrática (ReDem) da Universidade Federal do Paraná. Hoje, parte deles reconhece isso. ■



Hugo Motta alinhou com o relator do PL da Anistia, Paulinho da Força, para mudar o texto do projeto e dar foco à dosimetria

LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL



Michelle, Flávio e Eduardo: herdeiros do ex-presidente se preparam para as eleições

O xadrez dos Bolsonaro

Família mexe as peças para manter capital político de Jair Bolsonaro nas eleições de 2026 após condenação do ex-presidente e indiciamento de Eduardo por coação no curso do processo

João Vitor Revedilho

Passados 36 anos na política, a família Bolsonaro se vê, pela primeira vez, mexendo as peças do tabuleiro para se manter viva e influente. Com o patriarca Jair Bolsonaro preso e condenado a 27 anos e três meses por participação em uma trama golpista e o filho 03, Eduardo Bolsonaro (PL-SP), nos Estados Unidos e indiciado pela Procuradoria-Geral da República (PGR), os demais membros começam a esboçar suas estratégias para garantir seus espaços.

O foco está no Senado Federal, com os Bolsonaro disputando em peso as cadeiras no Salão Azul, em 2026. A família observa com lupa a articulação pela sucessão do capital político do ex-presidente, peça fora do tabuleiro até 2030.

Pelo jogo que se forma nos bastidores, os bolsonaristas se concentram em ganhar força no Legislativo, aproveitando a reforma de dois terços do Senado e a renovação da Câmara na próxima eleição. A cúpula avalia que consegue catapultar projetos, como a anistia para Jair, sem a resistência do Centrão, além de obter maioria para impeachment de ministros do Supremo Tribunal Federal (STF).

Para isso, o ex-presidente convocará seus três filhos e a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro para concorrer às cadeiras no Senado. Apenas um deles deve ter foco na Câmara dos Deputados.

O 01 na lista, Flávio Bolsonaro (PL-RJ), tentará cravar a sua reeleição à Casa Alta pelo Rio de Janeiro. Dentro do PL, chegou-se a cogitar o senador como escolhido para herdar o capital político do pai, concorrendo à presidência, mas ele mesmo descartou a possibilidade para aliados.

Carlos Bolsonaro (PL), vereador no Rio de Janeiro, prepara mudança para Santa Catarina, de onde emplacaria candidatura ao Senado. Michelle, que ainda está cotada para ser vice na chapa bolsonarista à presidência, se aproxima da corrida para o Senado no Distrito Federal, enquanto Jair Renan, vereador em Balneário Camboriú (SC), tem a Câmara dos Deputados como seu provável destino.

Já o 03 se tornou uma incógnita nos últimos dias. Nos Estados Unidos desde março e indiciado pela PGR por coação no curso do processo da trama golpista, Eduardo enfrenta um processo de cassação no Conselho de Ética da Câmara dos Deputados, instaurado na

terça-feira, 23. Ele é acusado de condutas incompatíveis com o mandato, ao articular sanções ao Brasil para pressionar o avanço do PL da Anistia e tentar travar o julgamento de seu pai no STF.

No mesmo dia, sua indicação para a liderança da Minoria na Câmara, feita na semana passada, foi barrada pelo presidente da casa, Hugo Motta (Republicanos-PB), que indeferiu o pedido.

Enquanto busca alternativas para se esquivar das denúncias, o 03 força a todo custo o repasse da herança política do pai para si e concorrer ao Palácio do Planalto. Para atingir o objetivo, intensificou as críticas ao governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), favorito ao espólio de Bolsonaro.

Mesmo articulando uma possível candidatura ao Planalto, aliados e familiares indicam que Eduardo estaria mais inclinado a uma vaga no Senado por São Paulo, buscando formar uma trinca de bolsonaristas no Salão Azul. Atualmente, o partido conta apenas com Marcos Pontes (PL-SP). E, para 2026, outro nome se apresenta para concorrer ao Senado, o do secretário de Segurança Pública de São Paulo, Guilherme Derrite (Progressistas). ■

O grande - e breve - encontro

Foram necessários 39 segundos para a postura de Donald Trump em relação a Lula surpreender o Brasil e o mundo; o presidente dos EUA disse que houve “excelente química” e sinalizou uma conversa futura



Lula assiste ao discurso em que Trump surpreendeu a plateia com a menção ao líder brasileiro



Havia muito expectativa em torno da abertura da 80ª Assembleia Geral da ONU, em Nova York, na manhã da segunda-feira, 22. Como de praxe, por deferência histórica, o presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, faria o primeiro discurso dentre os chefes de estado. Na sequência, seria a vez de Donald Trump, presiden-

te dos Estados Unidos, país-anfitrião. Não se sabia se os dois se encontrariam na passagem de um para o outro. Não se sabia se, ocorrendo o encontro, qual seria a reação de ambos. Afinal, Trump endureceu a relação com governo Lula, insuflado pelo bolsonarismo e pela oportunidade de taxar produtos estrangeiros como vem fazendo com diversos

mercados – e contra o Brasil o tarifaço foi o mais pesado, pela extensão.

E o encontro aconteceu e surpreendeu. Como o próprio Trump declarou, no púlpito da Assembleia Geral, foram 39 segundos de “excelente química”. Nenhum analista político teria previsto tal revelação. Ainda mais que o presidente norte-americano fez seu pronun-

ciamento após um discurso firme de Lula, em que defendeu a soberania do país, em contraponto às medidas recentes adotadas pelo governo Trump – que tenta interferir nas decisões do Supremo Tribunal Federal (STF) em relação ao ex-presidente Jair Bolsonaro.

O presidente brasileiro direcionou críticas veladas à política externa de Trump. Sem citar os Estados Unidos, Lula afirmou que “atentados à soberania, sanções arbitrárias e intervenções unilaterais estão se tornando regra” no cenário global. O ponto alto foi a defesa da soberania do Judiciário brasileiro, ao enquadrar a condenação de Bolsonaro por tentativa de golpe de estado como um “recado a todos os candidatos a autocratas e àqueles que os apoiam”, uma resposta às acusações de Trump de que o processo seria uma “caça às bruxas”.

“Não há pacificação com impunidade. Há poucos dias, e pela primeira vez em 525 anos de nossa história, um ex-chefe de estado foi condenado por atentar contra o Estado Democrático de

Direito. Foi investigado, indiciado, julgado e responsabilizado pelos seus atos em um processo minucioso. Teve amplo direito de defesa, prerrogativa que as ditaduras negam às suas vítimas”, disse.

Quando o presidente norte-americano assumiu o microfone, ele demonstrou sua irritação com organismos multilaterais, queixando-se publicamente da ONU, criticando desde o mau funcionamento de uma escada rolante até a falha do teleprompter. Sem conseguir ler seu discurso na tela, Trump disse que o responsável enfrentaria “grandes problemas” – no dia seguinte, a ONU disse que quem operava o teleprompter era o próprio staff da Casa Branca.

O discurso durou quase uma hora e, perto de seu final, Trump revelou o que muitos tentavam descobrir: houve encontro. A descrição do momento foi positiva, de acordo com as palavras do presidente norte-americano. “Ele me pareceu um homem bom. Eu gostei dele, e ele gostou de mim. Eu só faço negócios com alguém de quem gosto”,

afirmou o republicano, sem jamais mencionar o nome de Lula.

Trump falava das tarifas impostas ao país, uma resposta para os “esforços em interferir nos direitos e liberdades dos cidadãos americanos, com censuras, armas, corrupção judicial, alvejando os críticos dos EUA”. Imediatamente, ele se referiu ao encontro, dizendo que ambos se olharam e trocaram abraços. “Vocês acreditam? Nós concordamos em nos encontrar na próxima semana”.

“Tivemos pelo menos 39 segundos de excelente química. Isso é um bom sinal”, acrescentou. E o “carinho” acabou aí, com Trump falando de “tarifas injustas” praticadas pelo Brasil com os Estados Unidos.

Em outro momento de seu discurso, Trump surpreendeu cientistas e a comunidade internacional ao abordar a crise climática. Ele descredibilizou os alertas – inclusive os da ONU. “Mudança climática é o maior golpe já feito contra a humanidade. Antes falavam em resfria-

*Lula na ONU, em Nova York:
discurso incisivo contra a
ingerência americana nos
assuntos internos do Brasil*



JEENAH WOOON

Cinco destaques do discurso de Lula

- 1 "O autoritarismo se fortalece quando nos omitimos frente a arbitrariedades. Quando a sociedade internacional vacila na defesa da paz, da soberania e do direito, as consequências são trágicas."
- 2 "A única guerra de que todos podem sair vencedores é a que travamos contra a fome e a pobreza. Esse é o objetivo da Aliança Global que lançamos no G20, que já conta com o apoio de 103 países."
- 3 "A internet não pode ser uma 'terra sem lei'. Cabe ao poder público proteger os mais vulneráveis. Regular não é restringir a liberdade de expressão. É garantir que o que já é ilegal no mundo real seja tratado assim no ambiente virtual."
- 4 "Bombas e armas nucleares não vão nos proteger da crise climática. O ano de 2024 foi o mais quente já registrado. A COP30, em Belém, será a COP da verdade. Será o momento de os líderes mundiais provarem a seriedade de seu compromisso com o planeta."
- 5 "Em Gaza a fome é usada como arma de guerra e o deslocamento forçado de populações é praticado impunemente. O povo palestino corre o risco de desaparecer. Só sobreviverá com um Estado independente e integrado à comunidade internacional."

Cinco destaques do discurso de Trump

- 1 "A nossa mensagem é muito simples: se você vem ilegalmente aos Estados Unidos, você será preso, voltará para o lugar de onde veio ou enfrentará algo pior."
- 2 "Num período de sete meses, eu acabei com sete guerras que não tinham fim. Duas já duravam mais de 30 anos, outras quase quatro décadas. Nenhum outro presidente ou primeiro-ministro ou nenhum outro país fez algo próximo disso. Nem as Nações Unidas."
- 3 "Todo mundo achou que a Rússia ganharia essa guerra em três dias. E não foi assim. Já dura três anos e meio. E os assassinatos vão de 5 a 7 mil jovens soldados mortos toda semana. É uma guerra que nunca deveria ter começado se eu fosse presidente. Isso mostra como a liderança ruim pode prejudicar um país."
- 4 "O Brasil está indo mal e continuará indo mal. Eles só irão bem se trabalharem conosco. Sem os Estados Unidos, eles vão falhar, assim como outros países já falharam."
- 5 "A energia verde é um golpe. O seu país vai falir se insistir nisso. Se vocês não impedirem, vão destruir suas economias. O que está acontecendo na Europa mostra isso claramente: contas de eletricidade até cinco vezes maiores e empresas fechando."

mento global, depois aquecimento global, agora chamam de mudança climática. O efeito dessas políticas não é salvar o planeta, mas sim transferir riqueza e indústria para países que poluem mais e quebram regras".

As repercussões do breve encontro entre os dois presidentes dominaram o noticiário nos dias seguintes. Em coletiva de imprensa na quarta-feira, 24, Lula confirmou a versão de Trump e o sentimento positivo. "Fiquei feliz quando ele disse que pintou uma química boa entre nós. Eu acho que pintou uma química mesmo", declarou.

Ele confirmou que um novo encontro foi agendado e se mostrou otimista, afirmando que Trump está mal-informado sobre o Brasil. "Se a pessoa foi eleita, merece meu respeito. Espero que sentado em uma mesa a gente possa reestabelecer a harmonia necessária", afirmou Lula. Se a química vai se repetir, é outra história. ■



Trump reclamou da ONU e criticou falha no teleprompter, que foi operado por seu staff

Marina Silva: “Para cada dólar aportado pelos países, espera-se mobilizar cerca de US\$ 4 do setor privado”

LUIZ RAMPELOTTI/EUROPA NEWSWIRE/AP



Natureza financiada

Governo brasileiro lança o Fundo Florestas Tropicais para Sempre com o objetivo de captar US\$ 25 bilhões até a COP30

O Brasil apresentou oficialmente na 80ª Assembleia Geral da ONU o Fundo Florestas Tropicais para Sempre (TFFF, na sigla em inglês). A proposta, defendida pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, pretende mudar o patamar do financiamento climático ao aplicar lógica de mercado na preservação ambiental. O plano é captar US\$ 25 bilhões em aportes públicos até a COP30, em Belém, em novembro, para atrair, em seguida, capital privado que pode multiplicar o volume até US\$ 125 bilhões.

Um aporte de US\$ 1 bilhão feito pelo Brasil é o primeiro passo nessa direção. “O TFFF vai mudar o papel dos países de florestas tropicais no enfrentamento da mudança do clima por meio de incentivos econômicos reais”, afirmou Lula.

Para Marina Silva, ministra do Meio Ambiente e da Mudança do Clima, trata-se de um mecanismo inovador: “Não é doação, mas uma iniciativa que alavanca recursos privados a partir de investimentos públicos. Para cada dólar aportado pelos países, espera-se mobilizar cerca de US\$ 4 do setor privado, criando um fundo fiduciário permanente. É uma nova forma de financiar a conservação, com res-

ponsabilidade compartilhada e visão de futuro”, explicou a ministra.

O funcionamento segue o padrão do mercado financeiro, distinguindo capital júnior (público) de capital sênior (privado). Os recursos obtidos com o TFFF garantirão um repasse de US\$ 4 bilhões por hectare preservado de floresta tropical. Ao todo, 74 nações podem ser beneficiadas desde que comprovem a conservação das florestas, com monitoramento via satélite, e destinem 20% dos recursos a povos indígenas e comunidades tradicionais.

O modelo abre caminho para integrar resultados de preservação com a entrega das NDCs, as Contribuições Nacionalmente Determinadas, compromissos assumidos no âmbito do Acordo de Paris. Na prática, quanto mais um país demonstrar avanços reais na redução de emissões e na conservação, mais acesso terá ao fluxo financeiro.

O anúncio ocorreu em um dia particular: Lula abordou o fundo na sessão inaugural da Assembleia Geral e, pouco depois, o presidente Donald Trump, dos Estados Unidos, fez seu discurso, em que classificou a emergência climática como “farsa”. Porém, mesmo depois das palavras do presidente norte-

-americano, Marina costurou um acordo paralelo com a Califórnia para cooperação técnica e intercâmbio em soluções baseadas na natureza. “O acordo contribuirá para que Brasil e Califórnia atinjam suas metas de neutralidade climática até 2050 e 2045, respectivamente”, disse Marina. Acordos como esse são essenciais. A Amazônia sozinha demanda cerca de US\$ 7 bilhões por ano para manter a conservação, mas recebe apenas US\$ 600 milhões anuais.

O fundo florestal foi bem recebido por ativistas. “É um exemplo e um chamamento”, afirmou Mauricio Voivodic, diretor do WWF-Brasil. “O TFFF oferece uma solução inovadora ao combinar retorno financeiro com benefícios concretos para povos indígenas e comunidades locais. Pode ser um dos grandes legados da COP30”, completou.

Em Nova York, Marina recebeu da Wildlife Conservation Society o Prêmio por Liderança Excepcional em Conservação. É a primeira vez que uma brasileira obtém esse título, atribuído a líderes globais com atuação destacada na preservação ambiental. A honraria já foi dada a Hillary Clinton e ao ambientalista britânico David Attenborough. ■

Palestina e “a hora da paz”

França, Reino Unido, Canadá, Austrália e Portugal formalizam o reconhecimento do estado; Israel classificou o movimento como perigoso

Um movimento diplomático de grande magnitude, articulado às vésperas da 80ª Assembleia Geral da ONU, aberta nesta semana, colocou o reconhecimento do estado da Palestina no centro do debate global. Em uma ação coordenada no domingo, 21, Reino Unido, Canadá, Austrália e Portugal anunciaram formalmente o reconhecimento. Com isso, mais de 140 nações dos 193 estados-membros da ONU consideram a Palestina um estado soberano. A decisão representa uma mudança significativa na postura de potências ocidentais e intensifica a pressão sobre Israel.

Reino Unido e Canadá são os primeiros membros do G7 a darem este passo. Na segunda-feira, 22, a França se juntou ao grupo. Em discurso na sede das Nações Unidas, o presidente Emmanuel Macron declarou que “chegou a hora da paz”. E acrescentou que “nada justifica a guerra em curso em Gaza”. O presidente francês disse ainda que Bélgica, Luxemburgo, Malta, Andorra e San Marino também reconheceriam o estado palestino.

A reação do governo israelense foi contundente. O primeiro-ministro Benjamin Netanyahu classificou a onda de reconhecimentos como um “perigo” para a existência de Israel, enquanto o Ministério das Relações Exteriores afirmou, em comunicado, que o país “rejeita categoricamente a declaração unilateral”, argumentando que a medida “não favorece a paz, pelo contrário, desestabiliza ainda mais a região”.

O movimento acontece em meio ao agravamento do conflito em Gaza.

Segundo o Ministério da Saúde local, mais de 65 mil pessoas já morreram como consequência dos ataques de Israel direcionados ao Hamas – mas que também atingem civis. Relatórios de diferentes frentes da ONU falam em crise humanitária e mesmo genocídio.

Uma cúpula de um dia na Assembleia Geral da ONU foi organizada por França e Arábia Saudita para discussão de uma solução de dois estados. Alemanha, Itália e Estados Unidos, que também são integrantes do G7, não atenderam ao chamado.

Em seu discurso, na abertura do evento, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva defendeu o reconhecimento do estado da Palestina – o Brasil tem esse posicionamento desde dezembro de 2010. Ao assumir o púlpito, na sequência, o presidente Donald Trump, dos Estados Unidos – notório aliado de Is-

rael – disse que isso “seria uma recompensa aos terroristas do Hamas”.

A questão que emerge é o que, na prática, significa esse reconhecimento. Para alguns analistas, os manifestos não são suficientes se não forem tomadas medidas concretas. A ativista Ines Abdel Razek, do Instituto Palestino para Diplomacia Pública, sustentou, em artigo, que os países ocidentais têm atitudes simbólicas, “enquanto os palestinos ficam sem justiça e sem um estado funcional, apenas com uma lacuna cada vez maior entre a realidade vivida e os gestos internacionais”.

Para outros especialistas, porém, o simbolismo tem poder transformador. O reconhecimento diplomático eleva o status da Palestina no cenário internacional, conferindo-lhe maior peso em negociações futuras. É o que acredita Nomi Bar-Yaacov, do Centro de Política de Segurança de Genebra. “Quando se negocia estado perante estado não é o mesmo que negociações entre um estado e uma entidade não reconhecida”.

O advogado Philippe Sands, especialista em direito internacional e direitos humanos, argumentou no *The New York Times* que, embora simbólico, o ato “muda as regras do jogo” ao reafirmar os direitos dos palestinos à autodeterminação e à soberania. O reconhecimento, portanto, é visto não como o destino final, mas como o estabelecimento de uma trajetória clara em direção a uma solução duradoura. O desafio, agora, é transformar o simbólico em medidas práticas. ■



Emmanuel Macron defende a criação do estado palestino

O mundo em resumo

As notícias que se destacaram no noticiário internacional durante a semana

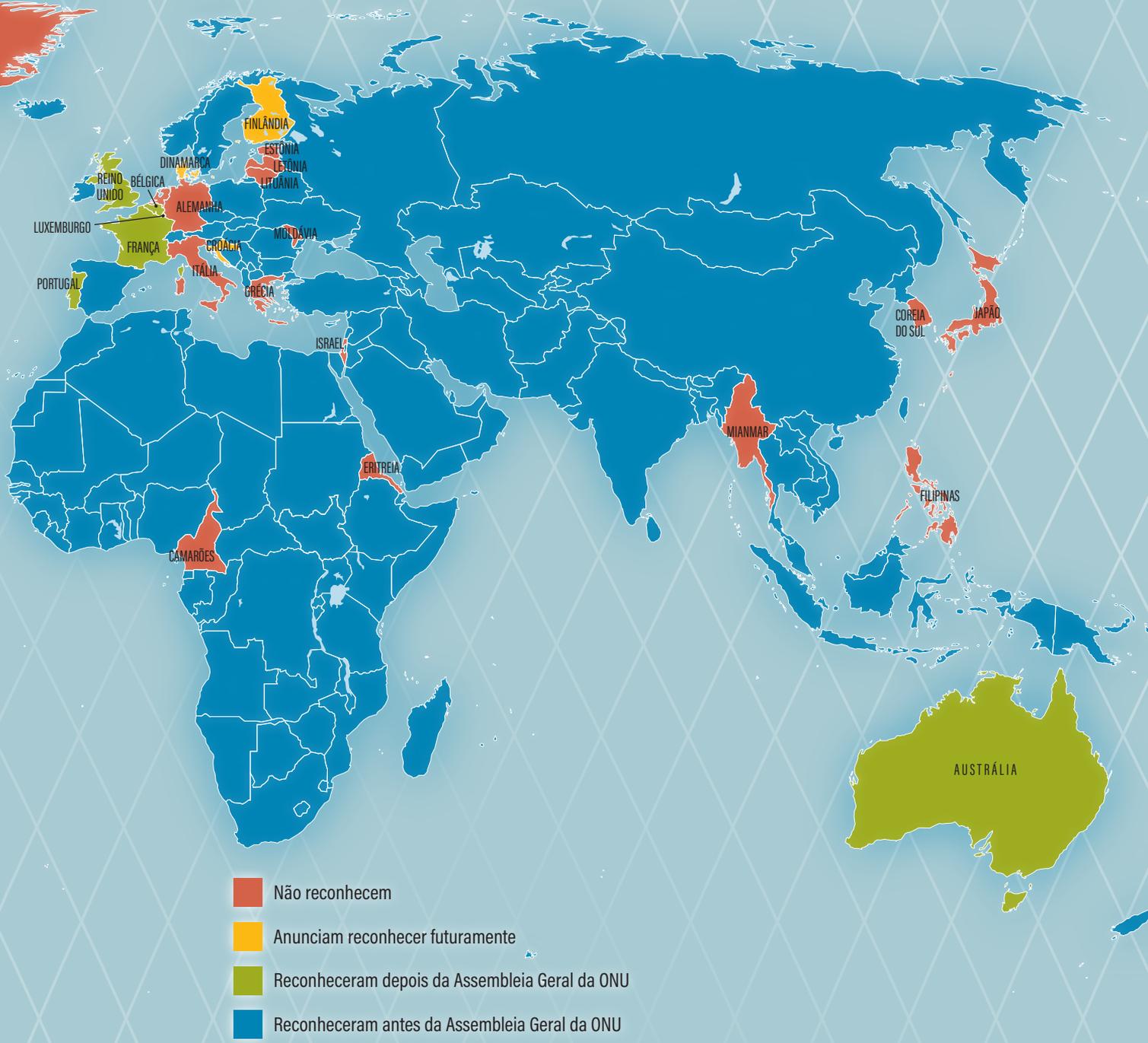


Conflito em Gaza

Cresce o número de países que reconhecem a Palestina como estado

No primeiro dia da 80ª Assembleia Geral da ONU, a França, país fundador do G7, anunciou formalmente o reconhecimento do estado palestino. Dias antes, Reino Unido e Canadá, integrantes do grupo, manifestaram o mesmo posicionamento, bem como Austrália e Portugal. Outras nações prometem oficializar o reconhecimento posteriormente. Com isso, são mais de 140 países em defesa da Palestina como estado soberano. Confira a composição global de apoios e não-apoios.

- Não reconhecem
- Anunciam reconhecer futuramente
- Reconheceram depois da Assembleia Geral da ONU
- Reconheceram antes da Assembleia Geral da ONU



Argentina em busca de fôlego

Governo Milei vende reservas, corta impostos e negocia ajuda de US\$ 20 bilhões com os EUA; FMI alerta que o mundo atravessa ciclo de baixo crescimento e alto endividamento



Para Javier Milei, a instabilidade econômica no país é consequência de “pânico político”

BRENDAN SMIALOWSKI /

Após dias intensos para a economia argentina, o governo de Javier Milei respirou mais aliviado nesta semana com os acenos de ajuda do Banco Mundial e dos Estados Unidos. Ainda sentindo os reflexos da recente derrota para a oposição peronista nas eleições provinciais de Buenos Aires, o presidente precisou acionar uma combinação de medidas emergenciais para sustentar a moeda, conter a fuga de capitais e evitar que uma crise cambial que se instala vire uma tormenta às vésperas de outro processo eleitoral, o de escolha de novos deputados federais e senadores, em 26 de outubro.

Na sexta-feira, 19, o Banco Central argentino realizou a maior intervenção no câmbio em quase seis anos. Foram US\$ 678 milhões vendidos em um

único dia, levando o total da semana para mais de US\$ 1 bilhão retirado das reservas internacionais.

A estratégia conseguiu apenas limitar a desvalorização do peso, mas deixou clara a fragilidade da posição cambial. O risco-país ultrapassou os 1.400 pontos, refletindo a percepção de que a Argentina pode não conseguir honrar seus compromissos de curto prazo, que somam cerca de US\$ 8 bilhões até janeiro.

Na segunda-feira, 22, o governo decidiu cortar temporariamente impostos sobre exportações de grãos até o fim de outubro. Com isso, Milei pretende estimular o ingresso rápido de dólares com a antecipação de vendas de soja e derivados, setor no qual a Argentina é um dos principais fornecedores mundiais.

No dia seguinte, 23, veio o primeiro sinal concreto de apoio externo: o Banco Mundial anunciou um aporte de US\$ 4 bilhões, parte de um pacote mais amplo de US\$ 12 bilhões já comprometidos com Buenos Aires. A ajuda foi descrita como gesto de confiança nas reformas econômicas em curso.

Milei conseguiu mais um alento na quarta-feira, 24. O Tesouro norte-americano confirmou negociações para estruturar uma linha de swap cambial (uma espécie de empréstimo) de US\$ 20 bilhões com o Banco Central argentino e estuda ainda a compra de títulos do país em dólar. Scott Bessent, secretário do Tesouro, declarou que “todas as opções estão sobre a mesa” para ajudar a Argentina a recompor liquidez e confiança.

O governo busca se blindar em meio a tanto sufoco. Milei declarou que há “pânico político que está se espiralizando no mercado e gerando uma descoordenação enorme em termos de risco-país”. Mas, no momento, o país enfrenta uma dívida elevada e apresenta reservas frágeis. Nesse ponto, a crise argentina dialoga com um alerta global emitido na mesma semana pelo Fundo Monetário Internacional (FMI).

Na quarta-feira, 24, a diretora-gerente Kristalina Georgieva afirmou que o mundo vive um ciclo de baixo crescimento e alto endividamento. Os números são expressivos: a dívida pública global superou US\$ 100 trilhões em 2024, o equivalente a quase 100% do PIB mundial. Segundo o FMI, mais da metade dos países de baixa renda e quase um quarto das economias emergentes já enfrentam risco elevado de sobre-endividamento ou estão em crise. A previsão é de crescimento global de apenas 2,5% em 2025 e 2026, bem abaixo da média histórica, o que reduz a margem para políticas anticíclicas.

A Argentina acabou se tornando, assim, um exemplo desse diagnóstico. Em poucos dias, foi obrigada a gastar reservas, cortar impostos estratégicos, recorrer a organismos multilaterais e abrir negociação com os Estados Unidos. ■



Erika Kirk assumiu a liderança da Turning Point USA, organização criada por seu marido

Mártir do movimento maga

Cerca de 90 mil pessoas compareceram ao memorial de Charlie Kirk, influenciador ultraconservador assassinado a tiros; ele foi chamado de “evangelista da liberdade”

Em uma cerimônia que mesclou luto, fervor religioso e discurso político, o evento em homenagem ao influenciador ultraconservador Charlie Kirk, assassinado em 10 de setembro, reuniu cerca de 90 mil pessoas no State Farm Stadium, em Glendale, Arizona, no domingo, 21. O memorial, que contou com a presença do alto escalão do governo republicano, serviu de palco para o presidente Donald Trump exaltar o legado do ativista e transformá-lo em um símbolo para o movimento

“Make America Great Again”, o maga.

Lideranças como o vice-presidente J.D. Vance, o secretário de Estado Marco Rubio e o secretário de Saúde Robert F. Kennedy Jr. estiveram presentes, com direito a falas. A segurança foi reforçada pelo Departamento de Segurança Interna, que atribuiu à cerimônia sua mais alta classificação de risco, nível reservado a eventos como o Super Bowl.

Em um discurso de aproximadamente 40 minutos, Trump lamentou a perda de um de seus apoiadores, mas também

usou politicamente a morte do influenciador, criador do Turning Point USA, organização de direita que promove ideais conservadores entre a população jovem. “Charles James Kirk foi assassinado de forma horrenda por um monstro radicalizado, de sangue frio, por falar a verdade que estava em seu coração”, declarou o presidente. Ele descreveu o ativista como “o maior evangelista da liberdade na América” e salientou que o ativista não será esquecido.

Trump posicionou Kirk como um símbolo. “Agora ele é um mártir pela liberdade dos Estados Unidos”, afirmou, em um tom que se assemelhava mais a um comício do que a uma elegia fúnebre. O presidente prometeu dar continuidade ao trabalho do influenciador.

Sem apresentar evidências, Trump voltou a associar a responsabilidade pelo crime à “esquerda radical”. “A violência vem, em grande parte, da esquerda”, disse. Kirk estava em um evento aberto em uma universidade de Utah quando foi atingido por um tiro, morrendo quase instantaneamente. O assassino, Tyler Robinson, de 22 anos, foi capturado no dia 12.

Um dos momentos mais emocionantes da cerimônia foi o discurso da viúva, a empresária Erika Kirk. Conhecida por seu fervor religioso, ela ofereceu uma mensagem de conciliação. “Quando vi o corpo dele, não havia medo nem sofrimento, mas um sorriso em seu rosto”, relatou. Em um gesto que gerou repercussão, Erika perdoou o assassino de Kirk, Tyler Robinson, de 22 anos, que está preso em uma unidade isolada em uma cadeia de Utah. “Meu marido, Charlie, queria salvar jovens, como o homem que tirou a própria vida. Eu perdoou aquele jovem. A resposta ao ódio não é mais ódio”.

Erika também anunciou que dará continuidade à missão do influenciador, assumindo a liderança da Turning Point USA. Nos corredores da política, já se vislumbra a participação da empresária em atos políticos da ala conservadora e, em especial, do movimento maga. Por sinal, a imagem do evento que se cristalizou foi a de Trump abraçado à Erika no palco. O presidente recorreu ao slogan “lute, lute, lute” e assegurou à multidão que “a batalha em nome de Charlie continuará”. ■

Robôs para desburocratizar

Relatório aponta que, até 2029, 60% das agências de governo no mundo usarão agentes de IA para automatizar as interações com os cidadãos

Alessandro Martins



IMAGEM GERADA POR IA

Estudo mostra o impacto nos serviços públicos de softwares capazes de tomar decisões

Até o fim desta década, a inteligência artificial (IA) deve transformar radicalmente a forma como os governos atendem os cidadãos. Segundo um relatório recente da Gartner, empresa de insights em tecnologia, novos sistemas como os agentes de IA irão acelerar a digitalização de serviços públicos.

Esses agentes são softwares autônomos capazes de tomar decisões e alcançar objetivos em ambientes digitais ou físicos. Na prática, podem programar uma viagem, escolhendo a companhia aérea e as passagens ideais para o usuário. No contexto da administração pública, a tecnologia pode otimizar a prestação de serviços, automatizando desde o processamento de solicitações de programas sociais até a interpretação de legislações complexas, reduzindo a burocracia.

A previsão da Gartner é que, até 2029, 60% das agências governamentais no mundo todo utilizarão agentes de IA para automatizar mais da metade de suas interações transacionais com os cidadãos. Atualmente, menos de 10% delas atendem a essa demanda, o que torna a agilidade para desenvolver tecnologias próprias um fator crucial para o avanço dos países.

Entre as diversas aplicações da inteligência artificial, os agentes de IA têm conquistado tração e atraído a atenção de grandes players do mercado, incluindo o financeiro, onde Wall Street já se prepara para uma metamorfose impulsionada por ferramentas ultrainteligentes de gerenciamento de ativos.

A implementação dessa tecnologia na esfera governamental, porém, deve trazer desafios para as lideranças, em função de questões como segurança e

privacidade e também em razão das complexidades da própria tecnologia.

Agentes usados para adquirir bens ou serviços em nome de pessoas e organizações se tornam o que especialistas chamam de “clientes-máquina”. Hoje, segundo a Gartner, três bilhões de máquinas B2B conectadas à internet já podem atuar como clientes, número que deve saltar para oito bilhões até 2030.

Os governos precisarão desenvolver a capacidade de autenticar, regulamentar e fornecer serviços a esses clientes não humanos. A consultoria ilustra com um exemplo: um imposto sobre o uso de veículos elétricos na Austrália poderia ser administrado pelo próprio veículo, que reportaria os dados diretamente ao governo.

“Os líderes governamentais precisam identificar onde a adoção de clientes-máquina por cidadãos e indústrias exigirá a reformulação da aplicação regulatória”, afirma Dean Lachera, vice-presidente analista da Gartner. “Os modelos de serviço serão disruptivos, criando desafios éticos e legais. Os governos não podem se dar ao luxo de serem pegos despreparados”.

Outra inovação com alto potencial de adoção, segundo a Gartner, é a engenharia de prompt, que deve se popularizar nos próximos dois a cinco anos. Isso significa que as equipes deverão ser treinadas para fornecer instruções precisas à IA, seja por texto ou imagem, a fim de orientar suas respostas e garantir a qualidade e a confiabilidade das informações.

“Essa transição já está no radar do mercado. Empresas de tecnologia veem os agentes como um novo ‘sistema operacional invisível’. Aos poucos, a percepção de ferramenta dará lugar à de infraestrutura digital, com impacto direto na vida de cada cidadão”, observa Rodrigo Martinez, copresidente da agência criativa Cappuccino. ■

A alta ansiedade pelo GTA6 – que só chega em 2026

Estudo explica por que o game da Rockstar é um fenômeno antes mesmo do lançamento



Pesquisa mostra que o game é uma experiência coletiva. Jogar o GTA VI com os amigos é o que mobiliza os fãs

DIVULGAÇÃO

Previsto para chegar às lojas em 25 de maio de 2026, o jogo Grand Theft Auto (GTA) VI já entrou para a história como um dos mais aguardados de todos os tempos, principalmente nas palavras dos fãs do game da Rockstar. Mas os números corroboram essa impressão. Seu primeiro trailer, divulgado em dezembro passado, bateu 265 milhões de visualizações no YouTube, desempenho que ajuda a dimensionar o tamanho da expectativa em torno do lançamento. E haja expectativa.

Um estudo da consultoria GoGamers ajuda a explicar por que está sendo tão aguardado. Intitulado “GTA VI: Hype, consumo e cultura gamer”, o levantamento mostra como a franquia se transformou em um fenômeno cultural que atravessa gerações, molda hábitos de consumo e movimentou o mercado.

“O GTA VI é um produto midiático no nível de Game of Thrones ou

‘Vingadores: Ultimato’”, afirma Carlos Silva, CEO da GoGamers.

Segundo o estudo, o público brasileiro de GTA é diverso e multiplataforma, mas os millennials (30 a 44 anos) formam a maior fatia. Em média, os homens fãs do jogo têm 38 anos, e as mulheres, 34,5. Já a geração Z vive agora seu primeiro grande lançamento, e isso gera uma sensação de pertencimento.

Outro aspecto para entender o hype é a nostalgia. Entre os 16 jogos já lançados, GTA: San Andreas é o favorito dos brasileiros, lembrado por 48,9% dos entrevistados, seguido por GTA V (20,4%) e pelo título original, de 1997 (18,6%). “San Andreas atravessou gerações, e essa memória coletiva ajuda a potencializar a expectativa pelo novo capítulo”, analisa o executivo.

A pesquisa da GoGamers também revela como o consumo de conteúdo sobre a franquia se pulverizou em

várias plataformas. O YouTube lidera como canal preferido para acompanhar novidades, seguido por TikTok e Instagram.

Formatos que combinam informação e entretenimento dominam a atenção dos fãs, como análises detalhadas de trailers (57,6%), notícias sobre o jogo (54,3%), gameplays de títulos anteriores (33,6%) e teorias sobre o novo mapa e personagens (30,8%).

Esse entusiasmo se reflete no consumo. Mais de 25% dos jogadores já trocaram de console de olho no GTA VI, outros 20% investiram em PCs mais potentes, e uma fatia semelhante comprou periféricos como headsets e controles para aprimorar a experiência. O game será lançado para PlayStation 5, Xbox Series S/X e PC.

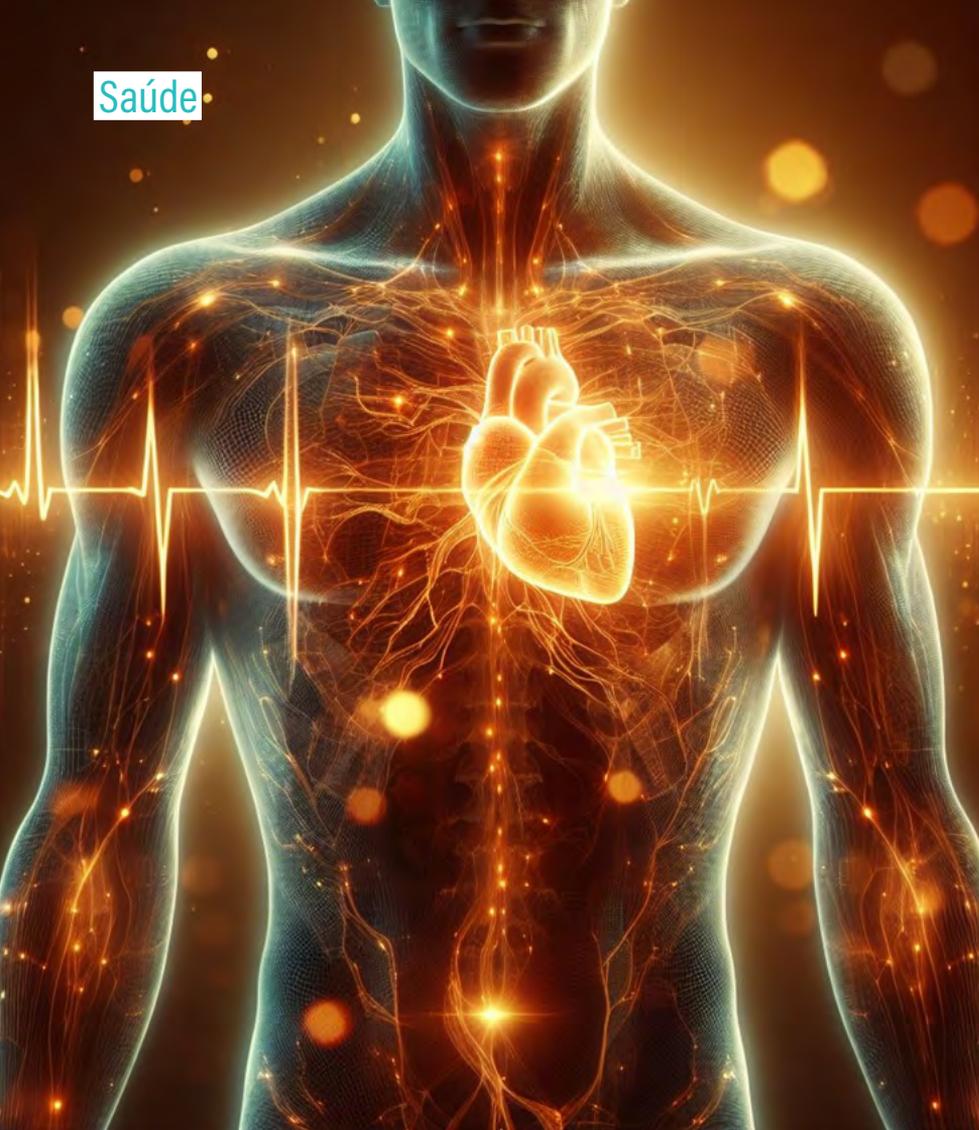
De acordo com a GoGamers, o lançamento vai impulsionar vendas de hardware e serviços digitais e prolongar a vida útil do game no ambiente online, assim como ocorreu com GTA V, que ultrapassou a marca de 215 milhões de cópias vendidas desde 2013.

Jogo com amigos

A franquia surgiu em 1997, criada pela britânica DMA Design (atual Rockstar), e se destacou por oferecer um mundo em que os jogadores se tornavam os foras da lei, numa narrativa cinematográfica. O GTA V, lançado pela empresa em 2013, atingiu a marca de 215 milhões de cópias vendidas, como divulgado em maio.

“O GTA é muito social. O público vai jogá-lo com os amigos. O ambiente online que ele proporcionou nos últimos anos – e que se espera com o GTA VI – é o que mobiliza as pessoas. É um jogo que você vai viver a longo prazo”, completa o CEO da GoGamers.

Ainda não se sabe qual será o preço oficial do produto, mas a expectativa é que fique entre R\$ 500 e R\$ 600. ■



DAVID SÁNCHEZ-MEDINA CALDERÓN/PIXABAY

de Hipertensão, está relacionada à atualização da classificação de risco para pressão arterial. A famosa medida 12 por 8, até então vista como sinônimo de saúde, agora faz parte da categoria pré-hipertensão. O mesmo vale para os valores entre 13,9 e 8,9. Já a segunda diretriz, também da SBC, diz respeito a novos parâmetros para controlar os níveis de colesterol e triglicérides no sangue. Os limites mínimos para o LDL, conhecido como “colesterol ruim”, ficaram mais rigorosos (confira quadro).

Divulgadas no 80º Congresso Brasileiro de Cardiologia, que aconteceu na semana passada em São Paulo (SP), as orientações refletem a dimensão do problema: as doenças cardiovasculares são a principal causa de morte no Brasil e no mundo. Por aqui, de acordo com a SBC, elas causam 400 mil vítimas todos os anos. “Grande parte dessas mortes poderiam ser postergadas com ações de baixo custo, que vão desde conscientizar a população a oferecer tratamento adequado”, afirma o cardiologista Paulo Caramori, presidente da SBC e chefe do serviço de cardiologia do Hospital São Lucas da PUC-RS. “Hoje temos medicamentos de ponta para doenças cardiovasculares, que apesar de baratos, ainda não estão disponíveis na rede pública”, completa.

A atualização levou a uma preocupação geral: quem tem pressão em 12 por 8 vai precisar tomar remédios? Não necessariamente. “A hipertensão ainda é diagnosticada por uma pressão maior ou igual a 14x9, confirmada em mais de uma ocasião. A nova diretriz tem caráter preventivo: a pré-hipertensão é um sinal amarelo”, compara o médico cardiologista Luciano Drager, do Instituto do Coração (InCor) e professor do departamento de clínica médica da USP. Segundo ele, apenas quem tem maior risco cardiovascular, com outros indicativos, como histórico ou comorbidades, pode precisar de tratamento medicamentoso quando for constatada a pré-hipertensão, caso as melhorias nos hábitos não sejam suficientes.

Já as últimas orientações quanto aos níveis de colesterol, incluem a redução dos limites máximos do LDL para evitar doenças como a aterosclerose, a formação de placas de gordura,

Como vai o coração?

Novas diretrizes de sociedades médicas, tanto para os níveis de colesterol quanto para os de pressão arterial, jogam luz sobre os cuidados com a saúde cardiovascular, principal causa de morte no país

Malu Echeverría, Marina Fornazieri e Vanessa Lima

Às vésperas do Dia Mundial do Coração, comemorado nesta segunda-feira, 29, sociedades médicas nacionais anunciaram mudanças que vão influenciar a maneira como os brasileiros cuidam – ou deveriam cuidar – do coração. Mais rígidas, as novas diretrizes visam ajudar médicos

a identificar os riscos cardiovasculares e a manejar as alterações nos níveis de colesterol, a fim de prevenir doenças como hipertensão, infarto e AVC.

A primeira medida, feita em conjunto pela Sociedade Brasileira de Cardiologia (SBC), Sociedade Brasileira de Nefrologia e Sociedade Brasileira

Para um coração saudável

- Não fumar
- Alimentação saudável
- Exercícios regulares
- Sono de qualidade
- Controle de peso

Fonte: SBC

capazes de obstruir as artérias e levar a infartos e AVCs. Além disso, os especialistas recomendam a checagem dos níveis de uma proteína conhecida como Lipoproteína A ou LP(a). “A LP(a) é mais de cinco vezes mais apta a promover doença aterosclerótica do que o próprio LDL”, esclarece a cardiologista Maria Cristina Izar, presidente da Sociedade de Cardiologia do Estado de São Paulo (Socesp), uma das autoras do documento.

Outro destaque é a criação de um novo grupo de risco. Às categorias de baixo risco, risco intermediário e alto risco, acrescentou-se a de risco extremo. “É a pessoa com histórico de múltiplos eventos cardiovasculares – quem já teve infarto, AVC, precisou colocar stents ou ponte de safena. Ou a quem teve um evento e dois ou mais fatores de risco, como idade maior de 65 anos, diabetes, hipertensão, tabagismo”, esclarece Drager.

A influência da obesidade

Hoje, 14 milhões de brasileiros convivem com alguma doença cardiovascular, segundo o Ministério da Saúde. Paralelamente, o Atlas Mundial da Obesidade 2025 mostrou que 31% dos brasileiros vivem com o problema. Não é coincidência.

A obesidade é um dos principais fatores de risco para o desenvolvimento de doenças cardiovasculares. Isso porque, em resumo, o excesso de gordura corporal afeta o funcionamento do coração e dos vasos sanguíneos. Pensando nesses riscos, a Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e Síndrome Metabólica (Abeso), com apoio de outras entidades médicas, lançou uma diretriz para tratamento de

Com influência genética para colesterol elevado, Tatiane e seu filho mantêm bons hábitos de saúde como prevenção



obesidade com ênfase na prevenção dos males cardiovasculares.

O documento determina que os pacientes com sobrepeso ou obesidade tenham sua condição cardiovascular avaliada e categorizada de forma padronizada, usando o que se chama de score Prevent, uma ferramenta que calcula a probabilidade de infarto, AVC e insuficiência cardíaca nos dez anos seguintes de vida do paciente.

“É possível ter um paciente com índice de massa corporal (IMC) considerado de obesidade, mas risco cardiovascular relativamente baixo, e outro com sobrepeso já apresentando alto risco”, ressalta o endocrinologista Marcello Bertoluci, diretor do departamento de cardiometabolismo da Abeso e diretor

do departamento de dislipidemias da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM). “A proposta atual é focar também em reduzir os riscos de pacientes obesos para doenças cardiovasculares com medicações específicas para isso”, acrescenta.

A boa notícia é que os novos medicamentos usados no combate à obesidade, as populares “canetas emagrecedoras”, têm se mostrado eficazes também na diminuição do risco de enfermidades cardiovasculares. Uma pesquisa recente do American College of Cardiology, por exemplo, mostrou que a tirzepatida (Mounjaro) reduziu em 38% o risco de morte cardiovascular, em comparação com placebo.

Essa é uma das razões pelas quais os especialistas protestaram quando a Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias (Conitec), que assessorou o Ministério da Saúde, decidiu não incorporá-las na rede pública por conta do impacto financeiro – o valor estimado seria de R\$ 8 bilhões anuais, pelas contas da pasta. Para Bertoluci, no entanto, o investimento se traduziria em redução de custos com comorbidades e hospitalizações relacionadas à obesidade no futuro.

É claro que os medicamentos contra a obesidade, contudo, não vão resolver

Mais atenção à pressão

- **Antes: 12x8** = normal
- **Agora: 12x8** = pré-hipertensão (sinal amarelo)
- **Hipertensão confirmada: ≥14x9**

Fonte: Sociedade Brasileira de Cardiologia (SBC)

os altos índices de doenças cardiovasculares no Brasil por si só. Para começar, é preciso reforçar a prevenção. Uma pesquisa mundial realizada pelo Global Heart Hub, com a participação do Instituto Lado a Lado pela Vida, mostrou que apenas metade dos brasileiros está ciente da ligação entre colesterol alto e doenças cardíacas.

“Infelizmente, ainda temos um baixo grau de conhecimento da população quanto aos fatores relacionados às principais doenças preveníveis”, alerta a cardiologista Ariane Vieira Scarlatelli Macedo, do Comitê Científico do Instituto Lado a Lado pela Vida. “Hoje, na verdade, há um aumento da desinformação, que precisamos combater”, alerta.

Outro desafio é a baixa adesão ao tratamento. Também de acordo com a pesquisa, só metade dos pacientes fez mudanças no estilo de vida após o diagnóstico de colesterol alto. “Depois de um diagnóstico de câncer, o tratamento pode durar de meses a anos, e o paciente sabe que precisa seguir as orientações médicas por aquele período”, compara Macedo. “Já no caso das doenças crônicas, um controle rigoroso de pressão, diabetes, colesterol, vai exigir um compromisso diário com a saúde”, acrescenta.

A jornalista Tatiane Generali, 40, que o diga. Sem nenhum sintoma, ela

descobriu que tinha os níveis de colesterol elevados em exames de rotina, ainda adolescente. “Comecei a tomar medicação, mas, quando vi que os níveis estavam controlados, acabei relaxando.” Algum tempo depois, os níveis voltaram a subir, mesmo com atividades físicas e alimentação balanceada. “Minha médica, então, me explicou que eu precisaria da medicação para o resto da vida”, relata. A condição, no caso de Tatiane, é genética. Por isso, o filho, de apenas 7 anos, também mantém bons hábitos para controlar o colesterol. “A alimentação é onde derapamos um pouco. Mas, por incrível que pareça, meu filho já entendeu que doce, só nos finais de semana”, conta.

Manter uma dieta equilibrada é uma das recomendações dos especialistas para mudar as estatísticas. As orientações, aliás, continuam as mesmas do passado. A vida moderna, entretanto, trouxe novos obstáculos, como a popularização dos vapes e o próprio envelhecimento da população. Diante desse cenário, Caramori destaca que a prevenção tem de ser iniciada cedo.

“A incidência das doenças cardiovasculares, de fato, atingem um pico perto dos 60 anos. Não devemos, porém, nos ater à idade, uma vez que o perfil das pessoas acometidas pelos eventos é amplo”, resume o presiden-

Números que assustam

- **400 mil** mortes por ano no Brasil por doenças cardiovasculares

- **14 milhões** de brasileiros vivem com doenças cardíacas

- **31%** da população está com obesidade

Fontes: SBC, Ministério da Saúde, Atlas Mundial da Obesidade 2025

te da SBC. Hoje é mais comum, por exemplo, vermos crianças com colesterol alto e infartos em pessoas com menos de 50 anos.

A implantação de políticas públicas, com campanhas de prevenção e acesso a exames e tratamentos, também são fundamentais. “De cada dez pessoas que lerem essa reportagem, quatro podem morrer de doenças cardiovasculares. Muitas delas não sabem que têm os sintomas, e outras não buscam assistência (por não entenderem a gravidade do problema)”, diz Caramori. “Mas não é só a morte que conta, é a qualidade de vida também”, completa. ■

Novas diretrizes para o colesterol

Parâmetro	Valor ideal em jejum (12h)	Valor ideal sem jejum	Categoria de risco
Triglicérides	< 150 mg/dL	< 175 mg/dL	—
	< 115 mg/dL	< 115 mg/dL	Baixo
LDL-c	< 100 mg/dL	< 100 mg/dL	Intermediário
	< 70 mg/dL	< 70 mg/dL	Alto
	< 50 mg/dL	< 50 mg/dL	Muito alto
	< 40 mg/dL	< 40 mg/dL	Extremo
Não-HDL-c	< 145 mg/dL	< 145 mg/dL	Baixo
	< 130 mg/dL	< 130 mg/dL	Intermediário
	< 100 mg/dL	< 100 mg/dL	Alto
	< 80 mg/dL	< 80 mg/dL	Muito alto
	< 70 mg/dL	< 70 mg/dL	Extremo
Lipoproteína(a)	< 30 nmol/L (< 75 nmol/L)	< 30 nmol/L (< 75 nmol/L)	—



Garantir o bem-estar da cuidadora melhora o atendimento de quem necessita dessa ajuda

GERD ALTMANN/PIXABAY

Alzheimer e a saúde dos cuidadores

Estudo mostra que nove entre dez pessoas que se encarregam de um parente com demência são mulheres; 43% delas abandonaram o emprego para assumirem esse trabalho

Vanessa Lima

O ano era 2006 quando, certo dia, a funcionária que trabalhava na casa dos pais da arquiteta Miriam Morata, de 66 anos, comentou que o “patrão”, Rubens, havia chegado do trabalho e deixado o carro ligado no meio da rua. Ela estranhou, mas atribuiu o comportamento ao estresse. Com o tempo, porém, outras atitudes intrigantes começaram a ser percebidas. Rubens sumia e demorava a voltar. “Pode ser que ele esteja lá fora, procurando pelo cachorro, que saiu”, dizia a mãe de Miriam, Encarnação.

Até que tudo mudou, na mesa, durante um almoço. “Eu me lembro que ele comentou sobre algum trabalho pelo qual tinha pago, cuja entrega não havia sido feita. Sugeri que ele sustasse o cheque”, recorda-se a arquiteta. Foi, então, que seu pai fez uma pergunta se

revelou o primeiro indício de uma turbulência. Ele, que era empresário, habituado a lidar com finanças e serviços bancários, perguntou à filha o significado de sustar. Em seguinte, teve outra dúvida: “O que é cheque?”. Definitivamente, não era só estresse.

Ao buscar atendimento médico para o pai, Miriam deu, literalmente, com a cara na porta. “Eu o levei a um hospital, onde seria avaliado por uma psiquiatra. No tempo em que fui procurar um local para estacionar o carro, eles já tinham sido atendidos. Quis conversar com a médica, mas ela só disse ‘seu pai tem Alzheimer e não pode mais ficar sozinho’”, conta. Miriam perguntou o que era isso. Em vez de esclarecer a arquiteta, a médica chamou o paciente seguinte e bateu a porta. Miriam se viu sozinha, sem entender o que estava

acontecendo e muito menos quais seriam seus próximos passos.

Naquele momento, ela não sabia, mas passou a fazer parte de um grupo de pessoas que ficam em segundo plano: o dos cuidadores de pessoas com algum grau de demência, entre ela o Alzheimer. As informações eram tão escassas, que Miriam decidiu compartilhar suas experiências em um blog. Quem sabe alguém ofereceria ajuda? Isso não aconteceu. Pelo menos, não tão cedo.

O Alzheimer é o tipo mais comum de demência. É uma doença neurodegenerativa progressiva para a qual não há cura. De acordo com a Associação Brasileira de Alzheimer (Abraz), a condição é causada pelo acúmulo anormal de certas proteínas no cérebro, que causam danos às células. Além de comprometer, principalmente, a memória, pode afetar a linguagem, o raciocínio, o humor, a orientação e, em fases avançadas, as funções motoras.

A doença de Rubens evoluiu rapidamente e ele faleceu em um ano. Mas a jornada de Miriam com a doença estava longe de terminar. Oito anos depois, quem começou a agir de maneira estranha foi Encarnação, a mãe. Ela também foi diagnosticada com Alzheimer e passou a depender dos cuidados da filha até a sua morte, em 2015. Hoje, Miriam atua para expandir o conhecimento a respeito dos desafios de cuidar de pessoas que, com o tempo, podem deixar de reconhecer o próprio familiar.

Segundo o Ministério da Saúde, cerca de 1,2 milhão de pessoas vivem com Alzheimer no Brasil e 100 mil novos casos são diagnosticados a cada ano. “Com o envelhecimento da população, esses números tendem a aumentar. É uma questão urgente”, alerta o professor Walter Teixeira Lima Junior, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), coautor de uma pesquisa brasileira sobre a realidade dos cuidadores de pessoas com demências no país, publicada em junho na revista científica *Alzheimer’s & Dementia: Translational Research & Clinical Interventions*.

A pesquisa coletou dados de mais de 700 cuidadores brasileiros de pessoas com síndromes demenciais, jogan-



Quem cuida de parentes com Alzheimer é, em geral, uma mulher na faixa dos 50 anos

UNSPLASH/OMARC NICOLAI

do luz sobre suas carências e necessidades não atendidas, além da sobrecarga emocional e dificuldades de ordem financeira. O estudo mostrou que as mulheres são as mais responsabilizadas pelo trabalho de cuidado: nove entre dez pessoas que cuidam de pessoas com esse quadro são filhas, esposas ou noras, na faixa dos 50 anos.

Quase todas (94,9%) oferecem essa assistência sem qualquer remuneração e 42,8 % tiveram de abandonar o emprego para dedicar-se integralmente ao familiar com demência. As consequências são devastadoras: 85% relatam exaustão emocional e 78% cansaço físico constante.

Miriam viveu essa realidade ao longo dos anos dedicados aos cuidados e preocupações, sem nenhum tipo de ajuda. As marcas físicas e emocionais permanecem para sempre. “Em dezembro, serão 10 anos que a minha mãe faleceu, e ainda sinto dores no ombro [por conta do esforço físico para cuidar dela]. Anos depois da morte dela, eu ainda a ouvia me chamar no quarto. Eu me levantava correndo, ia até lá e via a cama vazia”, recorda-se.

“Mesmo depois que a pessoa que precisou desses cuidados morre, o familiar cuidador nunca mais será a mesma pessoa. Seremos sempre alguém com uma ferida escancarada”, completa.

Miriam admite que, durante os dias mais difíceis, chegou a ter pensamentos suicidas. “Quando você convive com a demência, você enlouquece junto. Pen-

sava até em colocar um botijão de gás no meio da sala e explodir tudo. Isso porque sabia que não poderia morrer antes e deixá-la sozinha. Senão, quem cuidaria dela?”, confessa.

Políticas públicas

Os números levantados pelos pesquisadores da Unifesp representam uma amostra de um problema que já parece enorme mas é, provavelmente, ainda maior do que aparece nos dados, considerando os casos de barreiras sociais, geográficas e econômicas para o diagnóstico. Para Lima Junior, é urgente avançar na implantação de políticas públicas, na compreensão da doença e no apoio prático a esses cuidadores. “São pessoas que não podem seguir sozinhas e invisibilizadas”, diz.

Ainda que a passos vagarosos, algum progresso vem acontecendo nos anos recentes. Em 2024, foi aprovada a Lei 15.069, que instituiu a Política Nacional de Cuidados no Brasil. Entre os pontos, o texto propõe uma divisão mais justa da responsabilidade de cuidados entre homens e mulheres, além de definir os deveres do Estado, da sociedade e do setor privado. A lei prioriza cuidados parentais, de pessoas com deficiência, idosos e cuidadores – remunerados ou não. Entre as promessas, estão a ampliação dos serviços de atendimento domiciliar e a criação de centros que promovam o cuidado coletivo.

É um começo, mas conforme aponta Lima Junior, é necessário que tudo

isso saia do papel o quanto antes. “Ainda é preciso planejar, destinar verba de orçamento nacional, estadual, municipal, criar as estruturas físicas e as equipes... Tudo isso é necessário ‘para ontem’, mas deve levar anos”, avalia. “A única chance de garantir o bem-estar para a pessoa que precisa do cuidado é olhar para o cuidador. Ao cuidar bem do cuidador, você, automaticamente, melhora o atendimento da pessoa que necessita dele”, conclui.

Miriam, que viveu a experiência do cuidado de pessoas idosas com demência duas vezes, enxerga uma distância considerável entre os textos e a realidade. “A Política Nacional de Cuidado, o Estatuto do Idoso, tudo isso é lindo”, afirma. “Na vida real, entretanto, você vai ao posto de saúde e só consegue agendar uma consulta para daqui a seis meses, o remédio está em falta, a fralda geriátrica só chega dali a dez dias. Mas o problema está acontecendo agora. Como é que essas pessoas vão resolvê-lo hoje?”, questiona.

Dor que virou história e apoio

Miriam precisou trilhar sua jornada sozinha. Mais tarde, porém, transformou a sua dor em acolhimento a milhares de pessoas que enfrentam desafios parecidos com os dela. Em 2017, ela publicou o livro “Alzheimer – Diário do esquecimento”. Para divulgar a obra, criou uma página no Facebook, que deu origem a diversos grupos. Essas comunidades virtuais são lideradas por ela e, atualmente, reúnem mais de 100 mil membros.

Paralelamente, a antiga cuidadora também comanda grupos de WhatsApp, além de promover e participar de encontros presenciais. Por fim, Miriam criou ainda a plataforma “Cuida de mim – Alguém que eu amo tem Alzheimer”, com informações e cursos de apoio a cuidadores, e escreveu outros livros sobre o tema. Entre eles, um é dedicado aos cuidadores, com o título de “Alzheimer: assombro e cura do cuidador”. Ela ressalta que, ao transformar a dor em história, é possível validá-la. “A dor não passa, mas ajuda”, completa. Já que a doença destrói memórias, que as lembranças e dores fiquem registradas, como um suporte e um abraço para quem cuida. ■



A agência NOAA, dos EUA, analisa amostras de ar de várias partes do mundo e monitora a saúde do escudo gasoso

NASA/NOAA

O céu que nos protege

ONU indica que a camada de ozônio poderá se recuperar até meados do século. Mas cientistas alertam que a vigilância tem de continuar devido a emissões ilegais de gases que ameaçam o escudo que circunda a Terra

Uma das maiores ameaças ambientais que já aterrorizou o planeta já não é mais tão terrível quanto soava no passado. Um boletim da Organização Meteorológica Mundial (OMM), órgão da ONU, mostrou que a camada de ozônio, o escudo gasoso que protege a Terra da radiação solar nociva, está em franca recuperação. A previsão é que ela retorne aos níveis de 1980 por volta de 2040 na maior parte do mundo. Até 2066 deve acontecer a melhora sobre a Antártida, local do infame “buraco”. A notícia representa um dos mais significativos sucessos da cooperação internacional, mas, por trás

do otimismo, um exército de cientistas trabalha silenciosamente nos bastidores para garantir que essa paz celestial não seja quebrada por novas agressões.

Para entender a dimensão desta vitória, é preciso voltar às décadas de 1970 e 1980. O pânico era palpável. Cientistas como o norte-americano Frank Sherwood Rowland e o mexicano Mario Molina publicaram pesquisas alarmantes mostrando que os clorofluorcarbonetos (CFCs) – gases então onipresentes em sprays e aerossóis, geladeiras e aparelhos de ar-condicionado – estavam subindo para a estratosfera, de 15 a 35 quilômetros de altitude. Lá,

bombardeados pela radiação solar, eles liberavam átomos de cloro. Iniciava-se um ciclo de destruição, em que um único átomo era capaz de aniquilar milhares de moléculas de ozônio (O₃). A consequência era a rarefação do escudo que filtra a radiação ultravioleta B (UV-B), associada ao aumento drástico do risco de câncer de pele, catarata e danos ao sistema imunológico de seres vivos. Por esses estudos, os dois e mais o holandês Paul Josef Crutzen ganharam o Nobel de Química de 1995.

Naquele tempo, a imagem de um buraco crescente sobre a Antártida se tornou um símbolo do apocalipse eco-

lógico, transformando produtos do cotidiano em vilões e gerando um temor global que pressionou governos a agir. A resposta a essa crise foi tão notável quanto a ameaça. A comunidade internacional se uniu de forma sem precedentes para assinar, em 1987, o Protocolo de Montreal.

O tratado, hoje ratificado por todos os países-membros da ONU, estabeleceu um cronograma para a eliminação das substâncias destruidoras do ozônio. Seu sucesso se deve não apenas à sua meta ambiciosa, mas também ao seu design inteligente, que incluiu um fundo multilateral para ajudar financeiramente os países em desenvolvimento na transição para tecnologias mais seguras. O resultado foi a eliminação de mais de 99% dos produtos químicos controlados, um feito diplomático e ambiental sem paralelo.

Mas não dá para descuidar, alertam os cientistas. A prova da necessidade de vigilância contínua chega diariamente em frascos de aço inoxidável ao laboratório da National Oceanic and Atmospheric Administration (NOAA),

uma agência científica do governo norte-americano, localizada em Boulder, Colorado. Lá, o químico analítico Stephen Montzka e sua equipe analisam mais de 10 mil amostras de ar por ano, vindas de locais como Austrália e Antártida. Utilizando um instrumento ultrasensível e complexo (um cromatógrafo gasoso com espectrômetro de massa), eles conseguem detectar uma molécula de um gás proibido em cem trilhões de moléculas de ar.

Esse trabalho de detetive soou o alarme mais recente. A partir de 2013, a estação de monitoramento no vulcão Mauna Loa, no Havaí, começou a registrar um aumento inesperado nas emissões de CFC-11, uma substância que já deveria ter sido completamente eliminada. Usando modelos climáticos, a origem foi rastreada até o leste da Ásia. Investigações subsequentes apontaram para a produção do gás na China.

A descoberta levou a um movimento do governo chinês, que agiu contra essas emissões. O episódio comprovou a importância da vigilância. “O Protocolo de Montreal é um exemplo brilhante de

multilateralismo, mas a camada de ozônio ainda não está fora de perigo. Precisamos permanecer vigilantes”, declarou Megumi Seki, secretária executiva do Secretariado do Ozônio da ONU.

Essa vigilância se estende a novas ameaças. Um relatório recente do Programa da ONU para o Meio Ambiente (PNUMA) apontou a crescente preocupação com o óxido nítrico, um potente gás emitido principalmente por fertilizantes sintéticos, que ataca o ozônio mas não é controlado pelo Protocolo. Além disso, milhões de toneladas de CFCs ainda estão contidos em refrigeradores e aparelhos de ar-condicionado antigos, que podem vazarem se não forem descartados corretamente.

A recuperação da camada de ozônio é, portanto, uma boa novidade, mas não o fim da história. De toda forma, ela é um indicativo de que é possível reverter situações consideradas drásticas no primeiro momento. “Se nós, como comunidade global, tivéssemos enfiado a cabeça na areia nos anos 1980 e ignorado esse problema, o mundo hoje seria muito diferente”, apontou Montzka. ■



CASSIE MATIAS/UNSPASH

O buraco na camada de ozônio sobre a Antártida deverá se recuperar até 2066

A nova fase de Iza

A cantora lança singles, fala de sua renovação artística e da inspiração do reggae, que ganhou impulso com a maternidade

Sofia Magalhães

A cantora Iza vive uma nova era, como apontou ao lançar dois singles, “Caos e Sal” e “Tão Bonito”, nas plataformas digitais desde o dia 19 e com direito a dois vídeos em seu canal no YouTube que exploram a nova estética da artista ao inaugurar o momento que já teve uma pitada em seu show no The Town, no dia 14, quando cantou “Caos e Sal”. Os dois trabalhos expõem um mergulho no reggae, gênero que ocupou seus dias na maternidade, contou Iza ao apresentar os novos projetos à imprensa. As faixas dão sinais do que se pode esperar de seu terceiro álbum, aguardado para 2026.

Para Isa, o reggae é um estilo musical que convoca a consciência, que provoca e critica. E que também emociona. Em sua infância, durante viagens pelo

Nordeste, ela ficou próxima do ritmo, inclusive pelo aspecto visual. “Sempre pude ver o quanto essa estética é presente no Maranhão”, disse.

Com isso, a cantora explicou que se reconecta ao ritmo, que ecoa em um de seus grandes hits, “Pesadão”. “O reggae é algo que me faz voltar para as raízes, é algo que me conecta com a Iza que começaram a me conhecer com ‘Pesadão’. Então, sinto que também estou me reconectando, de certa forma, com esse estilo musical”, declarou.

“Caos e Sal”, composição do baiano Rafa Bastos (ex-Timbalada), vem acompanhando há cinco anos e chegou a se chamar “Pique da Vida”. Mas a música foi se transmutando com o tempo e com as experiências vividas. Mãe de Nala, que completará um ano no dia 13 de outubro, Iza diz que seu desejo de se aprofundar de vez no reggae veio a partir da gravidez. “Ao longo da maternidade, só conseguia pensar nisso. Trabalhei muito durante a gravidez e me senti muito criativa. Eu estava produzindo o tempo inteiro. E, quando lanço uma coisa, lanço porque não consigo pensar em outra coisa. Sendo muito direta, acho que eu não consigo me imaginar cantando outra coisa nesse momento”, revelou.

A ancestralidade também faz parte do novo conceito do trabalho da artista. Iza remete a símbolos ancestrais africanos, sobretudo a raízes fincadas no antigo Egito, mas passa também pela Etiópia, abordando inclusive espiritualidade. Sua nova era foi anunciada também em um vídeo publicado em seu perfil no Instagram, como um manifesto. A frase que convida o público a conhecê-la é “Escutem o som que vem de Kemet”. A referência a Kemet, nome original do antigo Egito que significa “terra preta”, é o ponto de partida para uma estética que traz cores vibrantes, como laranja, azul lápis-lazúli, preto e branco. Esses tons remetem ao pôr do sol no deserto, a joias egípcias e a figuras como a deusa Bastet, representada por um gato preto.

Esta fase sucede os álbuns “Dona de Mim”, de 2018, e “Afrodhit”, de 2023. Segundo a cantora, trabalhos anteriores pavimentaram o caminho para sua evolução marcada pelo ritmo sacramentado por Bob Marley. Em especial, as músicas “Pesadão”, com Marcelo Falcão (O Rappa) e “Ginga”, com Rincón Sapiência. A primeira por conta da sonoridade reggae e a segunda devida à questão esotérica e mística.

Entre as inspirações para sua nova jornada, Iza mencionou Gilberto Gil, Lauryn Hill, Erykah Badu e Koffee, além de Marley. E salientou também a força do ritmo em grupos como Cidade Negra, O Rappa e Charlie Brown Jr. E fez referência ainda à energia do axé e do samba-reggae da Bahia. ■

Iza lançou “Caos e Sal” e “Tão Bonito” e anunciou sua nova era, marcada pelo reggae e pela ancestralidade

MAR-VIN

Neste ano, Dembélé venceu o campeonato francês, a Copa da França e a Champions League. Ele desbancou Lamine Yamal, do Barcelona



FRANCK FIFE/AFP

Da França para os franceses

O atacante Ousmane Dembélé, do Paris Saint-Germain, é o melhor do mundo no futebol pela premiação Bola de Ouro; o atleta liderou o time na conquista da Champions League

O futebol mundial tem novo rei. Ousmane Dembélé, atacante francês do Paris Saint-Germain (PSG), foi coroado na segunda-feira, 22, com a Bola de Ouro 2025, prêmio da revista francesa France Football, o mais prestigiado do esporte. Aos 28 anos, o jogador celebra com o troféu uma temporada irretocável, em que conquistou o campeonato francês, a Copa da França e a Champions League, título inédito para o clube. Dembélé desbancou o jovem fenômeno espanhol Lamine Yamal, do Barcelona, e seu companheiro de time, o português Vitinha, que ficaram, respectivamente, no segundo e terceiro lugares da votação.

A conquista insere Dembélé em um panteão seletivo. Ele se junta a lendas francesas como Michel Platini (vencedor em três edições), Zinedine Zidane e Karim Benzema como detentor do troféu. Mais do que isso, torna-se o primeiro atleta a receber a honraria atuando por um clube de Paris. Outro francês, Kylian Mbappé, apesar de ser um dos grandes nomes da seleção dos azuis, nunca conquistou o prêmio. Na história da Bola de Ouro, o grande campeão é o argentino Lionel Messi, que já levou o troféu oito vezes.

A jornada de Dembélé no esporte foi uma montanha-russa. Nascido na cidade de Vernon, na Normandia,

o jogador é filho de mãe mauritana e pai malinês. Ele despontou no Rennes e se destacou pela velocidade e capacidade de driblar com as duas pernas. Depois, foi para o Borussia Dortmund, onde brilhou na temporada 2016-17. O Barcelona pagou 105 milhões de euros para tê-lo no time em 2017. Na equipe grená, no entanto, o sonho virou pesadelo. Seis temporadas foram marcadas por lesões musculares recorrentes e problemas de disciplina.

A redenção começou em 2023, com seu retorno à França para vestir a camisa do PSG. Sob o comando do técnico Luis Enrique e com a responsabilidade ampliada após a saída de Mbappé para o Real Madrid, em 2024, o atacante finalmente floresceu. Tornou-se a peça-chave do esquema parisiense. Seus números na temporada impressionam: 35 gols e 16 assistências. Na vida pessoal, o atleta é reservado: é casado e tem dois filhos.

Em fevereiro de 2024, um episódio colocou Dembélé e Neymar “frente a frente” (eles nunca jogaram juntos). Quando ainda lutava para se firmar no PSG, Dembélé foi alvo de deboche do brasileiro. Neymar, então no Al-Hilal, riu de uma publicação que comparava o baixo número de gols do atacante francês com os dois que o brasileiro marcou em um único amistoso da pré-temporada do PSG, antes de sair da equipe com destino ao clube da Arábia Saudita. O comentário viralizou e intensificou a pressão sobre o francês. Neste ano, o atacante encerrou essa história com os resultados em campo.

Enquanto a França comemorava o título de Dembélé, os brasileiros tiveram uma participação discreta na cerimônia. O mais bem posicionado na lista final foi Raphinha, do Barcelona, que terminou em quinto lugar. Vini Jr., do Real Madrid e um dos favoritos em anos anteriores, ficou apenas na 16ª posição.

No feminino, pela terceira vez consecutiva, a espanhola Aitana Bonmatí, do Barcelona, levou a Bola de Ouro. As brasileiras Marta (do Orlando Pride) e Amanda Gutierrez (do Palmeiras), as únicas indicadas do país entre as finalistas, ficaram em 12º e 21º lugares, respectivamente, do ranking com as 30 melhores jogadoras da temporada. ■

Bonfim conquistou o ouro dos 20 km na última volta; em Tóquio, ele já tinha obtido a prata nos 35 km.



KIRILL KUDRYAVTSEV / AFP

Caminho para a glória

Ganhador do Ouro na marcha atlética no Mundial em Tóquio, Caio Bonfim se torna o maior vencedor brasileiro na competição de atletismo

Na madrugada do sábado, 20, no fuso horário brasileiro, o atletismo do país abriu um capítulo de ouro em sua história. Em uma prova de superação e estratégia, o brasileiro Caio Bonfim, de 34 anos, sagrou-se campeão mundial dos 20 km da marcha atlética no Mundial de Tóquio. Com o tempo de 1:18:35, o atleta não apenas conquistou a medalha de ouro, superando o chinês Zhaozhao Wang e o espanhol Paul McGrath nos metros finais, como também gravou seu nome no esporte como o maior medalhista do Brasil em Mundiais de Atletismo.

Com o resultado do Japão, ele agora soma quatro prêmios na competição. As duas primeiras medalhas foram de bronze nos 20 km, nos mundiais de 2017 e 2023.

Já em Tóquio, ele havia conquistado a prata na prova dos 35 km, na sexta-feira, 12. A quarta é exatamente o ouro dos 20 km.

A conquista da medalha dourada foi construída na última volta, de forma dramática e até surpreendente para o próprio atleta. Em um esporte que exige resistência extrema e disciplina técnica rigorosa para não incorrer em penalizações, Bonfim guardou energia para um ataque final. Ele ultrapassou seus adversários diretos, mas sem a certeza de que disputava a primeira posição. “Eu passei o chinês e o espanhol na última volta, fiz a vinda para o estádio rapidamente. ‘Eles vão lutar e eu posso perder a medalha; são velozes’. Quando cheguei ao estádio, vi a faixa. ‘Ué, nos 35 km, eu fui segundo e não tinha faixa’”. Ele ainda não tinha entendido o que estava acontecendo. “Aí pensei: ‘meu Deus, eu vou ser campeão do mundo’”, contou o marchador à Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt).

O ouro em Tóquio é o ápice de uma trajetória de perseverança. Desde os treinos em Sobradinho, quando en-

frentava preconceito e até xingamentos por conta da técnica da marcha, Bonfim precisou transformar resistência em motivação. Sua estreia olímpica aconteceu em Londres, em 2012, com o 39º lugar. Em 2015, no Mundial de Pequim, mostrou evolução e terminou em sexto.

Nos Jogos do Rio, em 2016, ele obteve um doloroso quarto lugar, quando ficou a apenas cinco segundos do bronze. Na Olimpíada seguinte, em Tóquio, obteve apenas o 13º lugar, o que poderia sugerir uma estagnação. Mas Bonfim reencontrou seu melhor ritmo e faturou a medalha de bronze no Mundial de Budapeste, em 2023. No ano seguinte, nos Jogos de Paris, veio a glória, com a medalha de prata nos 20 km. O resultado na capital francesa recolocou-o entre os grandes nomes da marcha atlética mundial e preparou o terreno para o auge na capital japonesa.

Com o ouro de Tóquio, o brasileiro se torna o terceiro brasileiro a subir no lugar mais alto do pódio em um Mundial de Atletismo. Antes dele, Fabiana Murer, no salto com vara, em 2015, e Alison dos Santos, nos 400 m com barreiras, em 2022, conseguiram esse feito.

Com a prata nos 35 km e o ouro nos 20 km, Bonfim liderou a melhor campanha da história do Brasil na competição, que contou ainda com a prata de Alison nos 400 metros com barreira. Nos mundiais, nossos atletas somam, agora, 19 medalhas. ■

Fenômeno na areia

Número um do Brasil e top 3 do ranking mundial, Sophia Chow, que trocou o tênis pelo beach tennis, se prepara para buscar seu terceiro título no pan-americano

Heitor Pires

De uma promissora carreira no tênis universitário nos Estados Unidos até se tornar um verdadeiro fenômeno nas areias do beach tennis, a trajetória da paulistana Sophia Chow, de 28 anos, se confunde com a própria explosão da modalidade no Brasil. Número um do país e atual top 3 do mundo, a atleta se prepara para seu próximo grande desafio: a busca pelo tricampeonato no Pan-Americano, disputado em Caraguatatuba, no litoral de São Paulo, entre a quinta-feira, 26, e o domingo, 28. “Jogar pelo Brasil traz muito orgulho. É uma sensação incrível, porque a gente não joga só por nós”, afirma Sophia.

A confiança para a disputa vem de uma ascensão meteórica. Sophia teve o primeiro contato com uma raquete aos seis anos e a partir daí se dedicou ao tênis tradicional, a tal ponto que conquistou uma bolsa de estudos na University of San Diego, nos Estados Unidos. O beach tennis surgiu de forma desprezível, durante as férias no Brasil. “Fui jogar num domingo só para ver como é que era”, relembra Sophia, que, na época, era sócia do Clube Paineiras, na capital paulista.

A mudança definitiva de modalidade ocorreu durante a pandemia de Covid-19. A atleta tinha concluído a faculdade, mas não conseguiu se manter nos Estados Unidos, “mas estava tudo fechado”. Ela decidiu retornar ao Brasil e encontrou no beach tennis um refúgio e uma nova carreira.

A transição das quadras para as disputas na areia foi natural, embora as técnicas sejam extremamente diferentes. Ela buscou treinadores como Thales Santos e Danny Cirella, seu técnico atual.

Sophia segue rotina rigorosa de treinos para se manter no topo do esporte. Isso inclui cuidar da mente



DIVULGAÇÃO

O diferencial que a transformou em número 1 do país em cerca de quatro anos foi o foco na evolução contínua. “Eu me dedicava muito em aperfeiçoar meus golpes e tentar entender como que era o meu jogo”, conta.

Para alcançar o topo do ranking mundial, hoje liderado pelas italianas Giulia Gasparri e Ninny Valentini, Sophia acredita que o ajuste é fino. “Acho que é aproveitar melhor os momentos que a gente tem durante os jogos. Nesse nível que a gente está agora, bem no topo, cada momento é importante”, avalia. A rotina para se manter na elite do esporte exige disciplina total, revela. Quando não há competição, a carga inclui treinos na quadra e sessões de academia até quatro vezes por semana, além de fisioterapia e acompanhamento com psicóloga e nutricionista. O trabalho mental é um pilar.

“É muito duro para o atleta, que nunca quer perder. O quanto de tempo que você fica nesse negativo e consegue sair dessa zona para a positiva é o mais importante”, analisa.

Esse preparo rigoroso é o que a credencia para competições de alto nível, em um esporte cuja popularidade não para de crescer. Com mais de 1,2 milhão de praticantes no país, segundo a Confederação Brasileira de Tênis (CBT), o sucesso da modalidade, para Sophia, se deve ao seu caráter democrático e social. “As pessoas jogam com os amigos, com o pai, com a filha. Você pode trazer qualquer um para jogar”, pontua. No âmbito profissional, ela enxerga um cenário em evolução. “O beach tennis ainda tem muito a crescer. Os atletas buscam melhorias, tanto da parte dos organizadores quanto das entidades que gerem o esporte, mas acho que está num caminho muito bom”, completa. ■



Fabio Rua, vice-presidente da GM, fez a entrega dos SUVs para Lula

O elétrico da presidência

GM entrega, em comodato, quatro unidades do SUV Chevrolet Blazer EV, formando uma frota 100% elétrica. No mercado, o modelo tem preço de R\$ 503 mil

Mauro Balhessa

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva tem à disposição, desde a semana passada, uma pequena frota 100% elétrica para se deslocar em seus compromissos, em Brasília. A General Motors entregou para a presidência, em regime de comodato, quatro unidades do Chevrolet Blazer EV, SUV elétrico lançado no país no fim de 2024 e que tem preço inicial de R\$ 503 mil. O contrato vale por um ano e pode ser renovado. A operação inclui, igualmente sem custos para o governo, a instalação de carregadores elétricos, cedidos pela WEG, fabricante de equipamentos elétricos de Santa Catarina, e uma parceira da montadora.

O empréstimo foi anunciado pela GM como um marco global. “É o primeiro comboio presidencial 100% elétrico do mundo. Não existe ainda nenhum chefe de Estado circulando em veículos com essa característica”, comemorou Fabio Rua, vice-presidente da montadora para a América do Sul, que fez a entrega dos SUVs para Lula.

Os quatro Blazers EV se tornam, assim, uma espécie de vitrine do carro mais avançado da linha elétrica da

montadora no país. O modelo está disponível na configuração RS, com tração traseira, motor de 347 cavalos de potência. A aceleração vai de 0 a 100 km/h em 5,8 segundos, marca comparável à de alguns veículos esportivos.

A preocupação com a autonomia, um dos principais pontos de atenção para quem considera ter um carro elétrico, é resolvida com uma bateria de 102 kWh. Segundo testes do Inmetro, o conjunto permite ao veículo rodar até 481 quilômetros com uma carga completa, o que, na prática, equivale a uma viagem de São Paulo ao Rio de Janeiro sem a necessidade de paradas para recarga. Quando a parada é necessária, a energia pode ser recuperada de forma rápida: em carregadores de alta potência (DC), é possível ir a 80% da bateria em aproximadamente 40 minutos, tempo de uma pausa para um café ou uma refeição.

Com 4,88 metros de comprimento e quase dois metros de largura, o Blazer EV é um veículo de porte grande. O peso de quase 2.500 kg, comum em elétricos devido ao conjunto de baterias, é compensado por um design de apelo

esportivo, que busca inspiração em ícones como o Camaro. O modelo tem rodas de aro 21 e teto solar panorâmico.

O motorista não precisa de chave ou botão para dar a partida no SUV, bastando estar com a chave presencial, dispositivo que emite um sinal codificado para ativar funções. O painel é composto por duas telas de alta resolução, uma de 11 polegadas para os instrumentos e outra, de 17,7 polegadas, para a central multimídia.

Um dos diferenciais do Blazer EV é a tecnologia “Google built-in”, um ecossistema nativo do carro. Isso permite que o motorista acesse aplicativos como Google Maps e Google Play diretamente na tela do veículo, sem precisar do smartphone. O sistema se conecta ao perfil digital da pessoa, baixando automaticamente seus destinos salvos, agenda e aplicativos preferidos.

O SUV da GM não é a primeira experiência com carro elétrico da presidência. Em janeiro do ano passado, a BYD ofereceu em comodato um BYD Tan EV, SUV de luxo avaliado em R\$ 529 mil. O acordo de empréstimo também teve validade de um ano. ■

A arte de se fazer um cheeseburger

Dois chefs de badaladas casas em São Paulo ensinam os segredos do lanche perfeito, do blend de carne ao ponto do queijo

Setembro é um mês em que o hambúrguer ganha destaque nos calendários gastronômicos de São Paulo. E há um dia específico para celebrar uma de suas versões, o cheeseburger. A data, 18 de setembro, foi criada nos Estados Unidos, mas a razão se perdeu no tempo. De todo modo, como diria um bom apreciador do sanduíche, todo dia pode ser dia de se deliciar com esse ícone das lanchonetes.

O cheeseburger une a simplicidade do pão, carne e queijo em uma combinação de sucesso global, cuja história remonta ao século XIX, quando imigrantes alemães introduziram o “hambúrguer steak” nos Estados Unidos. Décadas depois, entre os anos 1920 e 1930, a adição de uma fatia de queijo derretido sobre a carne deu origem à versão que conquistaria o planeta. Para celebrar a data e ajudar os entusiastas a alcançarem a perfeição em casa, a reportagem de Menu reuniu as recomendações dos chefs Rafael Rigotto, da Lanchonete da Cidade, e Amilcar Azevedo, do Nou Burger, duas badaladas casas em São Paulo. Eles compartilham os segredos para cada etapa da preparação.

Segundo os especialistas, o ponto de partida para um memorável cheeseburger – ou X-burger, no linguajar popular – está invariavelmente na qualidade e na composição da carne. Para Rigotto, a suculência é garantida pela proporção ideal de 80% de carne magra e 20% de gordura. Ele sugere que cortes como acém, peito e costela funcionam muito bem, desde que se-

jam moídos de forma mais grossa para preservar a textura e os sucos internos. Azevedo prefere trabalhar com fraldinha ou com uma mistura de costela e coxão duro, aproveitando a gordura da primeira e a maciez da segunda. O peso ideal do disco de carne fica entre 160 e 180 gramas, garantindo uma mordida equilibrada e um cozimento uniforme, com o ponto perfeito sempre rosado por dentro.

Com a base de carne definida, a atenção se volta ao ingrediente que dá nome ao lanche. Se a carne é a alma, o queijo é o detalhe que o transforma. A escolha clássica e mais popular é o queijo cheddar, mas, para quem deseja inovar, há um leque de opções que derretem bem. Para um sabor mais intenso, recomenda-se queijos como gorgonzola ou provolone defumado.

Já para quem prioriza a cremosidade e um derretimento perfeito, as melhores apostas são brie, camembert e a tradicional mussarela.

Para sustentar essa combinação de carne suculenta e queijo derretido, a escolha do pão assume um papel crucial, ainda que discreto. Sua função é ser a base que sustenta os ingredientes sem roubar o protagonismo, devendo ser firme o suficiente para não desmanchar e, ao mesmo tempo, leve e macio. Variedades como pão de batata, brioche e o australiano são escolhas que cumprem bem esse papel, agregando textura e sabor de forma complementar. A montagem é finalizada com os molhos e acompanhamentos, em que a simplicidade muitas vezes vence. A combinação norte-americana tradicional, com picles, cebola, ketchup e mostarda, é uma aposta certa, assim como uma maionese caseira.

Tão importante quanto seguir essas dicas é evitar algumas práticas comuns que podem arruinar o preparo. Utilizar carnes excessivamente magras, por exemplo, resulta em um hambúrguer seco. Apertar a carne na chapa durante o cozimento é outro erro grave, pois expulsa seus líquidos e compromete a suculência. A regra de ouro, de acordo com os chefs, é tratar o produto com respeito: o hambúrguer ideal deve ser preparado com carne fresca, nunca congelada ou temperada industrialmente, e ser grelhado em chapa ou churrasqueira, jamais no forno ou na air fryer. ■



A dica do Nou: uma boa mistura de carnes no hambúrguer, queijo que derrete bem e um pão firme e leve

Bebida

Raridades descobertas

Reforma em casa revela mais de 300 garrafas de vinho em adega, a maioria sem valor, mas rótulos de Bordeaux são avaliados como relíquias históricas

Beatriz Mizuno

Durante a reforma de uma casa construída na década de 1960 em Interlagos, na zona sul de São Paulo, a nova proprietária, a advogada Neia Cabral, se deparou com o acervo de uma adega abandonada há décadas. Em meio à poeira e ao bolor, havia um tesouro em potencial no cômodo: mais de 300 garrafas de vinho, praticamente intocadas desde os anos 1970. Documentada nas redes, a reforma ganhou audiência e viralizou com esse achado.

As garrafas estampam rótulos de França, Brasil, Itália, Espanha e Grécia. Qual o valor desse achado? Convidado por Menu para analisar os vinhos da adega descoberta, o sommelier Ricardo Santinho foi categórico. A grande maioria não estava mais própria para consumo. O tempo e a falta de manutenção comprometeram a maior parte da coleção, transformando o que seria um tesouro em provável vinagre.

No entanto, em meio às perdas, três rótulos da prestigiada região de Bordeaux, na França, se destacaram como verdadeiras relíquias. A análise



Três rótulos de Bordeaux se destacaram como relíquias, que resistiram ao tempo

de Santinho se concentrou nessas joias, que resistiram ao tempo em condições surpreendentes.

A principal delas é uma garrafa de Château Margaux 1980, um dos cinco vinhos mais importantes da região, classificado como Premier Grand Cru Classé. Apesar de “abandonada” há décadas, a bebida mantém seu volume praticamente intacto, com valor estimado em R\$ 3,3 mil em sites especializados.

Outro Premier Grand Cru Classé encontrado foi um Château Latour 1984, também bem preservado. Esta safra específica pode alcançar R\$ 1,5 mil em leilões, mas o especialista ressalta a importância do ano da colheita. “Quando a gente fala sobre os grandes [vinhos] de Bordeaux, a gente tem de entender a qualidade da safra. Às vezes são safras muito boas, mas que não têm potencial de evolução”, explica Santinho, lembrando que uma garrafa da emblemática safra de 1982 poderia valer R\$ 45 mil.

O terceiro destaque, um Cos d’Estournel 1969, apesar de ser um grande nome, teve seu valor reduzido por ser de uma safra menos celebrada e por apresentar perda de volume.

Na planta da casa, o espaço dos vinhos estava identificado como cave, que é um lugar específico para o envelhecimento de longo prazo de vinhos,

um porão com temperatura baixa e estável, ausência de luz, umidade controlada e pouca vibração. A adega da casa de Neia estava bem desgastada e cheia de objetos quando a advogada e seu marido, Sérgio, compraram a casa. Com a organização do cômodo foi possível notar que o espaço foi planejado em seu início. Pela decoração que restou da adega notam-se gráficos para controle de temperatura interna.

A descoberta da adega serve para desmistificar a crença de que todo vinho melhora com o tempo. Segundo o sommelier, a máxima “quanto mais velho, melhor” se aplica a uma minoria de rótulos, conhecidos como vinhos de guarda, que são elaborados com o objetivo de envelhecer por mais de uma década. “A maioria dos vinhos é prazerosa para beber jovem. Eles vão ter a mesma curva de evolução que tem um vinho de guarda, mas com uma evolução muito mais rápida, mais curta”, explica.

Apesar de pouco valor monetário, a cave de Neia é um retrato do mercado de vinhos pouco explorado no Brasil em meados de 1970. O ambiente permanecerá gravado para posteridade, mas no digital: a intenção da advogada é se livrar das garrafas e transformar o cômodo em um “quartinho de bagunça”. ■

Trump atacou Fallon e Meyers e comemorou a suspensão do programa de Kimmel



MONTAGEM COM FOTOS DE DIVULGAÇÃO E IMAGEM GERADA POR IA

Talk shows na mira

Suspensão e retorno do programa de Jimmy Kimmel mostram tensão entre a Casa Branca e a mídia norte-americana

O apresentador Jimmy Kimmel passou por dias intensos, entre a suspensão de seu programa na ABC, na semana passada, após ironizar a reação do presidente Donald Trump à morte do influenciador ultraconservador Charlie Kirk, e o retorno de seu talk show à programação, na terça-feira, 23. Seu afastamento tinha sido determinado pela Disney, dona da ABC, depois de manifestações irritadas de Brendan Carr, diretor da Comissão Federal de Comunicações (FCC) – que regula a mídia e o mercado de telecomunicação –, que insinuou que poderia retirar licenças dos canais que exibem o programa. Na sequência, duas empresas que controlam afiliadas, Nexstar e Sinclair, avisaram que não levariam mais a atração ao ar.

O que se viu depois foi uma intensa reação de outros apresentadores de talk shows e de personalidades do universo do entretenimento. Um abaixo-assinado circulou em Hollywood com mais de 400 nomes, entre eles Jennifer Aniston e Meryl Streep, condenando a suspensão. E até políticos conservadores reagiram negativamente à resolução, como Ted Cruz, senador do Texas.

A Disney mudou de decisão na segunda-feira, 22, após dias de conversas com Kimmel. Nos bastidores, comentou-se que a companhia não tinha pensado em tirar o programa do ar definitivamente. A ideia teria sido acalmar ânimos. O efeito foi o contrário, porém.

Em seu programa, Jimmy Fallon, da NBC, reagiu à decisão da ABC e da Disney destacando que Kimmel é “um

cara decente, engraçado e gentil”. Da mesma emissora, Seth Meyers alertou para o risco de o país se transformar em uma “autocracia repressiva”.

Stephen Colbert, da CBS, reagiu com uma paródia de “A Bela e a Fera”, na qual um candelabro da Disney cantava: “A nova regra da ABC, não insulte Donny T”. Jon Stewart, do Comedy Central, também ironizou, se apresentando como “patrioticamente obediente”. John Oliver, da HBO, foi incisivo: “Se o governo pode forçar uma rede a tirar um programa de ‘late night’ do ar e fazer isso às claras, ele pode fazer coisas muito piores”.

David Letterman, ícone do gênero, afirmou, durante um evento, que “não se pode demitir alguém para agradar uma administração autoritária”. Para ele, a suspensão mostra um movimento de mídia “controlada”, que ameaça a democracia norte-americana.

Em julho, uma decisão envolvendo um talk show já tinha gerado burburinhos. A CBS comunicou que o programa de Colbert sairá do ar em maio de 2026. A justificativa oficial: razões financeiras. No entanto, pairam suspeitas de que há outros motivos, já que ela foi anunciada depois de a emissora pagar US\$ 16 milhões a Trump para encerrar um processo judicial, o que Colbert chamou de “um bom suborno”.

Na sua volta à programação, Kimmel agradeceu, em um monólogo emocionado, o movimento dos apresentadores, da sociedade e mesmo de Ted Cruz. Ele afirmou que o governo não pode ser autorizado a controlar o que ele e seus colegas falam ou não na TV. E salientou que a tentativa de silenciar um comediante de quem o presidente não gosta é antiamericano. Kimmel ressaltou que não minimizou o “assassinato de um jovem”. Com a voz embargada, mencionou o perdão que a mulher de Kirk deu ao assassino, no enterro do marido.

Trump, que tinha celebrado a suspensão de Kimmel e atacado Fallon e Meyers, não gostou da mudança da Disney. “Não acredito que a ABC devolveu o emprego a Jimmy Kimmel. A ABC informou à Casa Branca que o programa dele foi cancelado”, escreveu na rede social Truth Social, dizendo também que vai colocar a emissora à prova. A tensão continua no ar. ■



Contratado do SBT, Tiago Leifert retoma a apresentação do programa, que será exibido na TV aberta e no streaming

“The Voice Brasil” em dose dupla

Reality musical estreia novo formato na parceria SBT e Disney+, com Tiago Leifert e Boninho de volta à atração

Os fãs do reality show “The Voice Brasil” já tem data para acompanhar a disputa pelo novo talento musical brasileiro. Após 12 temporadas na TV Globo – com o último episódio exibido em dezembro de 2023 –, o programa retorna ao ar em nova casa. Ou melhor, em duas casas: SBT e Disney+ vão exibir a concorrida competição a partir de 6 de outubro, uma segunda-feira, às 22h30.

O programa será transmitido simultaneamente no SBT e no Disney+, mas a experiência para o assinante do streaming será estendida. Após a exibição na TV aberta, um conteúdo especial e exclusivo de aproximadamente 20 minutos, com bastidores e interações entre técnicos e participantes, estará disponível apenas na plataforma digital. Além disso, todos os episódios ficarão disponíveis na íntegra no catálogo do Disney+, permitindo que o público assista sob demanda.

A nova fase do “The Voice Brasil” é marcada pelo retorno de duas figuras centrais que consolidaram o sucesso do programa. A começar por J.B. Oliveira, o Boninho, que dirigiu todas as temporadas anteriores na Globo. Ele volta ao projeto agora como showrunner, assinando a direção artística e a coprodução, em conjunto com a Formata Produ-

ções – a marca pertence desde 2015 à empresa britânica ITV Studios e ganhou versões pelo mundo. Na área de realities, não há dúvida de que Boninho se tornou figura reconhecida pelo público brasileiro – em especial com outro programa que repercutiu intensamente nas redes sociais, o Big Brother Brasil.

Outro nome que marcou a história do reality é o de Tiago Leifert. Ele assume a apresentação do novo “The Voice Brasil” no SBT, emissora com a qual firmou contrato no início do ano para atuar nas transmissões esportivas. Agora, Leifert retoma seu posto em um dos programas de entretenimento de

maior sucesso de sua carreira. Junto dele estará Gaby Cabrini, apresentadora do programa “Fofocalizando”, que fará a cobertura dos bastidores.

A escolha dos técnicos é uma aposta para engajar a audiência. A nova bancada será composta pelos pagodeiros Péricles e Mumuzinho, pela dupla sertaneja Matheus & Kauan, que atuarão juntos, e pela cantora Duda Beat.

Com as gravações iniciadas em setembro, em São Paulo, o reality promete uma identidade visual repaginada, com novo palco e cenários. É esperar para ver quanto ele mudou em relação à produção global. ■

RICARDO BUFOLIN

Os técnicos são a dupla sertaneja Matheus & Kauan, Duda Beat, Péricles e Mumuzinho





RENATO REIS

Dona Onete esteve no Amazônia Live e agora no Festival Mana

Belém é uma festa

Cidade é palco do Festival Mana, com artistas da Amazônia, e de uma exposição de street art; antes, a capital paraense recebeu o Amazônia Live, evento da Rock World

Pouco mais de um mês do início da COP30, Belém, a cidade que vai receber a conferência do clima organizada pela ONU, é palco de um evento com artistas da Amazônia, que já abriu suas portas e se estende até domingo, 28. É o Festival Mana, com shows e palestras em que as mulheres são as protagonistas. E também no domingo será lançada uma exposição de street art, o Museu de Arte Urbana de Belém, conhecido como M.A.U.B., que revitaliza espaços icônicos da capital paraense.

Recentemente, a cidade acompanhou outro evento musical, o Amazônia Live, que teve dois momentos: um com Mariah Carey em um palco flutuante, ao lado de quatro estrelas da região, Gaby Amarantos, Joelma, Dona Onete e Zaynara; e outro realizado no estádio Mangueirão, em que Ivete Sangalo atraiu os holofotes, junto de Viviane

Batidão, Lambateria Baile Show, que convidaram Suanny Batidão e Gaby.

Organizado pela Rock World, dona do Rock in Rio e do The Town, o Amazônia Live é um projeto que integra os dois festivais mais famosos. As duas noites de show, tanto o de Mariah Carey – headliner do The Town 2025 –, no dia 17, em que foi construído um palco em forma de vitória-régia no meio de um rio (e que não teve público por perto), quanto o do Mangueirão, no sábado 20, foram transmitidas pelo Multishow. De acordo com os promotores, o Amazônia Live distribuiu 47 mil ingressos.

No Mana, que foi criado em 2017 e que volta a ser realizado após três anos sem edição, as estrelas não são cantoras de fora – no evento da Rock World, uma crítica foi a ausência de Fafá de Belém e de mais nomes do Pará no line-up (embora o festival tivesse artistas da região).

A maioria dos shows do Mana é composta por artistas amazônidas, como os grupos Charme do Choro e Suraras do Tapajós. O festival é estruturado também com uma parte de debates e painéis e uma mostra audiovisual. Ele promove ainda conexões com personalidades de outras partes do Brasil, como Mãeana (RJ), Juliana Linhares (RN), Célia Sampaio e Núbia (MA).

A programação é gratuita (exceto a abertura, com a cantora Leoa, o grupo de carimbó Sereia do Mar e discotecagem de Nat Esquema, na cervejaria Cabôca). O festival acontece no Parque da Residência.

Outras atrações do festival são Dona Onete, na lista dos palestrantes, e Djuena Tikuna, cantora amazonense que fará a apresentação “As Amazônias” junto com Patrícia Bastos, do Amapá, e Aíla, do Pará, que é uma das organizadoras do evento. A programação completa está disponível no perfil do festival no Instagram: www.instagram.com/manafestival.

Já o M.A.U.B., em sua terceira edição, reúne 19 artistas selecionados por edital que se uniram ao histórico Museu Paraense Emílio Goeldi para revitalizar os muros do Parque Zoológico, patrimônio tombado e fundado há 130 anos, e a fachada dos prédios do Campus de Pesquisa da instituição. Os temas escolhidos são fauna, flora, arqueologia, heranças afro-amazônicas, saberes indígenas e biodiversidade. ■

MAGDA PICCI



Djuena Tikuna fará uma apresentação chamada “As Amazônias”

Filmes e séries

Batalhas e cervejas

Um dos destaques nas salas é Leonardo DiCaprio. No streaming, a história da cervejaria Guinness – a partir do dia 25

FOTOS REPRODUÇÃO INSTAGRAM



Em cartaz no cinema

“Uma Batalha Após A Outra”

Ação e comédia dirigida por Paul Thomas Anderson, em que ex-revolucionários precisam se reunir após 16 anos para salvar a filha de um deles; estrelado por Leonardo DiCaprio e Sean Penn.

REPRODUÇÃO INSTAGRAM



“Ne Zha 2: O Renascer da Alma”

Na sequência da animação chinesa, as almas de Ne Zha e Ao Bing sobrevivem à catástrofe que os atingiu. Com o auxílio do mestre Taiyi, eles embarcam em uma jornada para reconstruir seus corpos, enfrentando desafios e adversários no caminho.

DIVULGAÇÃO



“Misty: A História de Erroll Garner”

Documentário sobre a vida do pianista Erroll Garner, uma lenda do jazz. A produção explora a complexidade profissional do artista, sua técnica inovadora e o contexto histórico de segregação racial em que construiu seu legado.

DIVULGAÇÃO



“Bicho Monstro”

Em um vilarejo, a pequena Ana assiste a uma peça que apresenta o Thiltapes, um animal perigoso. Duzentos anos antes, um botanista escuta de um colono a história sobre o mesmo ser. As histórias se intercalam na busca da criatura. A direção é do gaúcho Germano de Oliveira.

Destaques do streaming

“Pílula de Farinha: O Escândalo Que Gerou Vidas”

Série documental que investiga o caso das “pílulas de farinha” no Brasil, quando um lote de anticoncepcionais com efeito placebo foi distribuído e resultou em centenas de gestações não planejadas. Estreia dia 30. HBO Max

REPRODUÇÃO YOUTUBE



“House of Guinness”

Ambientada em Dublin no século 19, a série acompanha a disputa entre os quatro filhos do recém-falecido patriarca da família Guinness. Eles precisam garantir o futuro da cervejaria enquanto lidam com segredos e rivalidades. Netflix

DIVULGAÇÃO NETFLIX



“Código Preto”

Do diretor Steven Soderbergh, o drama trata dos agentes secretos George Woodhouse (Michael Fassbender) e sua esposa Kathryn (Cate Blanchett). Quando suspeitam que ela possa ter traído o país, George enfrenta um teste: ser leal ao seu casamento ou à nação. Estreia dia 26. Prime Vídeo.

DIVULGAÇÃO PRIMEVIDEO



“A Especialista”

Uma hacker brilhante (Jessica Chastain) é forçada a sair do anonimato quando uma conspiração ameaça expor segredos de uma poderosa corporação. Ela precisa se proteger e desvendar uma rede de corrupção. A minissérie estreia no dia 26. Apple TV+

DIVULGAÇÃO APPLETV+



A musa dos grandes cineastas italianos

Estrela de clássicos do cinema como “8 ½”, “O Leopardo” e “Era Uma Vez no Oeste”, a atriz Claudia Cardinale morre aos 87 anos

Atriz Claudia Cardinale, um dos grandes ícones do cinema europeu, morreu na terça-feira, 23, aos 87 anos, em sua residência em Nemours, na França, ao lado dos filhos. A causa não foi divulgada. Com uma carreira que atravessou mais de seis décadas, Claudia se imortalizou ao trabalhar com alguns dos mais importantes cineastas da história.

Nascida em Túnis, na Tunísia, em 15 de abril de 1938, filha de pais sicilianos, Claude Joséphine Rose Cardinale teve sua vida transformada ao vencer um concurso de beleza que a elegeu “a italiana mais bonita de Túnis”. O prêmio, uma viagem ao Festival de Cinema de Veneza, abriu as portas para uma carreira cinematográfica meteórica. No evento, sua presença magnética causou sensação imediata entre diretores e produtores, que viram nela a personificação de uma nova estrela.

No início de sua trajetória, um detalhe curioso evidenciava sua determinação: ela atuava em filmes italianos, embora mal falasse a língua e com um forte sotaque francês, seu idioma materno ao lado do árabe e do siciliano. Essa particularidade, no entanto, não foi um empecilho. Pelo contrário, sua voz rouca e expressividade singular se tornariam marcas registradas.

A ascensão ao estrelato foi consolidada por meio de colaborações com os mestres do cinema italiano. Aos 22 anos, foi dirigida por Luchino Visconti em “Rocco e Seus Irmãos” (1960), um marco do neorealismo. A parce-



Claudia Cardinale atuou em filmes dirigidos por Visconti, Fellini e Leone, como “Era Uma Vez no Oeste”

ria com Visconti atingiria o ápice três anos depois, em 1963, quando ele lhe confiou o papel da deslumbrante Angelica na obra-prima “O Leopardo”, onde atuou ao lado de Burt Lancaster e Alain Delon. Sua interpretação da jovem aristocrata que simbolizava a nova burguesia em ascensão é, até hoje, considerada uma das mais emblemáticas da história do cinema.

O ano de 1963 foi extraordinário para a atriz. Simultaneamente ao sucesso de “O Leopardo”, Claudia estreou “8½”, de Federico Fellini, outro trabalho magistral do cinema italiano. No filme, ela encarnou a musa do protagonista, um diretor de cinema em crise criativa interpretado por Marcello Mastroianni, ator com o qual contracenou em cinco filmes.

Outros longas que se tornariam clássicos e nos quais atuou são “Era

uma Vez no Oeste” (1968), de Sergio Leone, no qual contracenou com os americanos Henry Fonda e Charles Bronson, consolidando sua imagem como uma estrela de alcance global, e “Fitzcarraldo” (1982), do alemão Werner Herzog.

Frequentemente comparada à francesa Brigitte Bardot, a morena “CC” e a loira “BB” chegaram a trabalhar juntas no faroeste “As Petroleiras” (1971), um encontro de duas das maiores divas do cinema da época. Claudia também teve uma sólida carreira nos Estados Unidos, participando de produções de sucesso como a comédia “A Pantera Cor-de-Rosa” (1963), de Blake Edwards, e o filme de ação “Os Profissionais” (1966), novamente ao lado de Lancaster.

Ao longo de sua vida, Claudia Cardinale foi reconhecida com as mais altas honrarias do cinema mundial. Recebeu o Leão de Ouro pelo conjunto da obra no Festival de Veneza em 1993 e o Urso de Ouro honorário no Festival de Berlim em 2002, prêmios que celebraram uma carreira de mais de 150 filmes.

Gilles Jacob, ex-presidente do Festival de Cannes, lamentou a perda, referindo-se a um de seus grandes papéis: “A Angelica de ‘O Leopardo’ não abrirá mais o baile”. E completou a respeito da atriz, que presidiu o júri do festival em 1993. “Era bela, simples, sem história; quando a câmera gravava, ela se iluminava com um sorriso e um olhar carinhoso que destacava sua voz rouca. Os grandes a magnificaram e nós amávamos ternamente essa pessoa delicada”. ■

Samba e química

As redes de IstoÉ bombaram com a entrevista de Carol Castro sobre a rainha de bateria da Grande Rio. Também repercutiram a reação positiva de Trump a Lula e o casamento da filha de Faustão

Carol Castro x Virgínia Fonseca

Em entrevista ao quadro “IstoÉ Gente Como a Gente”, a atriz Carol Castro se posicionou sobre a repercussão causada após questionar a escolha de Virgínia Fonseca como rainha de bateria da Grande Rio. Ela disse que o enredo da escola para 2026 é sobre o movimento mangubeat, que surgiu para denunciar as desigualdades sociais e a pobreza. Carol ponderou que Virgínia depôs na CPI das Bets por supostamente ganhar dinheiro em cima da população pobre.



A química entre Trump e Lula

O presidente dos Estados Unidos Donald Trump disse que teve “excelente química” com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva durante um breve encontro na abertura da Assembleia Geral da ONU, em NY. “Eu gostei dele, e ele gostou de mim. Eu só faço negócios com pessoas de quem gosto, então é um bom sinal”, declarou. Trump revelou que os dois acordaram um encontro para a próxima semana.



Vendaval destruidor

A Defesa Civil de São Paulo emitiu um alerta na tarde da segunda-feira, 22, para temporais com rajadas de vento em todo o estado. Nas redes sociais, diversas pessoas publicaram o momento da chegada de fortes ventos e da chuva em suas regiões. Em um vídeo, é possível ver o vento derrubando duas caixas d’água de um prédio em construção em Araçatuba.



Lei Magnitsky de novo

O governo de Donald Trump aplicou a Lei Magnitsky sobre Viviane Barci, esposa do ministro do STF Alexandre de Moraes. Com a determinação, todos os eventuais bens de Viviane nos EUA estão bloqueados, assim como o de qualquer empresa que esteja ligada a ela, que também não pode usar cartões de crédito emitidos no país. No dia 30 de julho, Moraes foi alvo da sanção.



Faustão leva filha ao altar

O comunicador Fausto Silva levou a filha Lara ao altar. Ela e o apresentador Julinho Casares se casaram na manhã do sábado, 20. Em imagens publicadas nas redes, Fausto segura a mão da noiva enquanto sua cadeira é empurrada por outro filho, Rodrigo.

www.istoe.com.br

TikTok: www.tiktok.com/@revistaistoe

Instagram: www.instagram.com/revistaistoe/

LinkedIn: www.linkedin.com/company/istoe

YouTube: youtube.com/@revistaISTOE

X: x.com/istoe

Facebook: www.facebook.com/istoedinheiro

Palavra por palavra



LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL

"Na política, por vezes somos levados a fazer escolhas difíceis, que exigem renúncias e sacrifícios"

Marlon Solano, deputado federal (PT-PI), pedindo desculpas por ter votado pela PEC da Impunidade



CÂMARA DOS DEPUTADOS

"Eu não vi grande repercussão dos atos contra a dosimetria, eu vi contra a anistia. Como eu não estou discutindo a anistia, estou discutindo a pena, o tamanho da pena, Contra a anistia, até eu estou"

Paulinho da Força, deputado federal (Solidariedade-SP) e relator do PL da Anistia



ERALDO PERES

"A ilegal e lamentável aplicação da Lei Magnitsky à minha esposa viola o direito internacional, a soberania do Brasil e a independência judicial"

Alexandre de Moraes, ministro do Supremo Tribunal Federal, sobre a sanção aplicada pelo governo de Donald Trump a sua esposa, Viviane Barci

"Um componente maior do que o próprio trabalho em si é a promoção e a venda daquela obra, daquela peça de arte. O equilíbrio disso pode ficar bastante — distorcido. Acho que vou ser honesta e direta ao dizer: não sinto falta de vender coisas. Achei isso bastante destrutivo para a alma"

Emma Watson, atriz, conhecida por interpretar Hermione na franquia Harry Potter, sobre não fazer mais filmes



REPRODUÇÃO INSTAGRAM

"Vivemos um momento em que a mulher está muito mais amiga e parceira da outra. Mas quando a gente fala em sororidade, só a palavra tem o significado. Muitas vezes não conseguimos praticá-la. 'Como é que vou segurar a mão? Como é que eu vou ajudar? E quem vai me ajudar?'. O dia em que a gente perder esse medo, vai melhorar. O filme mostra esse amor, essa sororidade"

Cacau Protásio, atriz, sobre o poder da amizade feminina, presente em seu novo filme, "A Sogra Perfeita 2"



REPRODUÇÃO INSTAGRAM

Paixão sobre rodas.



MOTOR SHOW

www.motorshow.com.br

